

ILUSTRAÇÃO

N.º 255 — 11.º ano



DELÍCIAS DO VERÃO

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

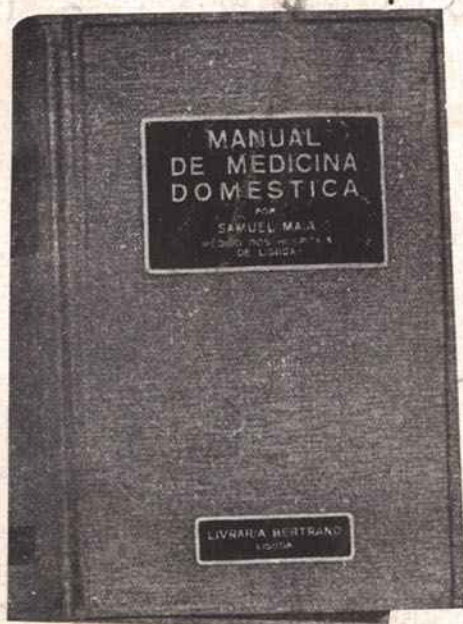
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Règra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES**

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como todas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dr. Benguê, 6, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmácias

LOURA OU MORENA?

Como se pode ter, agora, uma pele de brancura deslumbrante... e sem a menor mancha!



Es é um meio fácil e seguro para uma morena ter uma bonita pele branca e limpa e para uma loura preservar a sua delicada pele das sardas, das rugosidades e de outras imperfeições. Quando o jasmim e a rosa deram ao perfumista a essência do seu perfume, ficou uma linda cera untuosa que, durante muito tempo se julgou sem importância. Visitando um laboratório de destilação de perfumes, um especialista de beleza parisiense, bem conhecido, ficou impressionado com a extraordinária brancura-leitosa do rosto e das mãos das mulheres que mexiam nessa cera residual. Então, descobriu-se que ela não só branqueava a pele, como também suprimia o excesso de pigmentação, fazendo assim desaparecer o aspecto terroso ao rosto, as sardas e as imperfeições que se manifestam na

cara. Combinada com outros ingredientes preciosos que embelezam o rosto, pode-se obtê-la agora em todas as perfumarias e boas casas do ramo, sob o nome de «Cire Aseptine».

Não encontrando escreva à
AGÊNCIA ASEPTINE
88, Rua da Assunção-LISBOA
que atende na volta do correio.

Compre um tubo, hoje mesmo, e consinta que lhe torne a pele clara, fresca e rosada. Um bom êxito é assegurado, porque, em caso contrário restituir-lhe-íamos o dinheiro que gastou.

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviado-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a 40.^a edição da novela

DOIDA DE AMOR

DE ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 volume brochado Esc. 12\$00
Pelo correio, à cobrança, Esc. 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett 75 — LISBOA

A LIVRARIA BERTRAND, EDITOU:

POLÍTICA

PELO **DR. RIBEIRO LOPES**
Prefácio do Prof. MANUEL RODRIGUES

1 vol. com 216 págs., broch. . . . Esc. 10\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.^a edição, 8.^o milhar

CÓMICOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 252 págs., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.^a edição, 7.^o milhar

Recordações e Viagens

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 320 págs., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoccer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado 15\$00
Pelo correio, à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

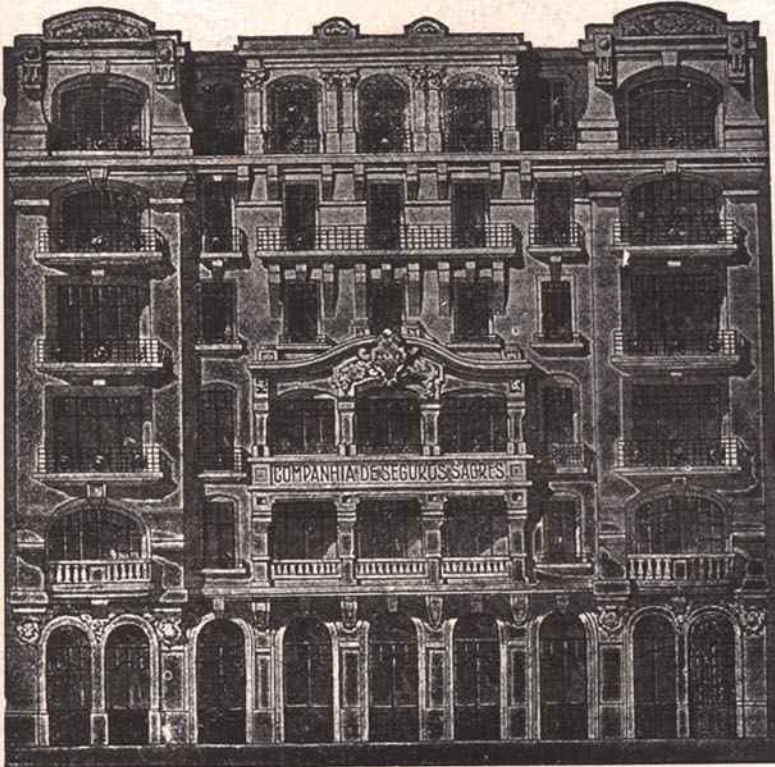
CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

ESTÁ À VENDA A

7.^a EDIÇÃO - II.^o milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

o 5.^o volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 520 págs. broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. Esc. 12\$00; pelo correio à cobrança Esc. 13\$50

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA



O FLIT MATA OS PERCEVEJOS IMEDIATAMENTE!



Nem sempre é fácil livrar a vossa casa destes nojentos insectos; mas o FLIT consegue faze-lo, porque é um poderoso insecticida. Usando FLIT a vossa casa fica de uma maneira economica livre destes insectos. O jacto do FLIT não mancha e mata moscas, mosquitos, traças, etc. Exija o lata amarela solada com a gravura do soldado e lista preta.



Polvilhe com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

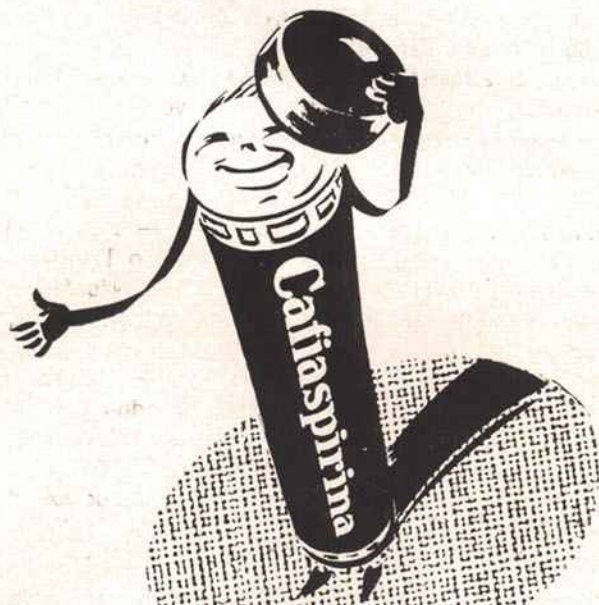
Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Her- culano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, cinco volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 17\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um único tubo de Cafiaspirina

na sua farmácia caseira significa que um medicamento de propriedades únicas está sempre ao seu dispôr e de todos os seus, para atalhar múltiplos sofrimentos. Sejam — dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, etc., — a Cafiaspirina traz alívio imediato. Peça sempre bem claramente "Cafiaspirina", com a cruz Bayer na embalagem e em cada comprimido



Cafiaspirina

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Queridos leitores da "Ilustração".

ESCREVO dum lindo recanto minhôto, cheio de vida, de sol e de côr, onde vim procurar o tão justo quão reduzido repouso, ao cabo de um ano inteiro de extenuante labuta.

É certo que não tenho aqui o bulfício estonteante de Biarritz, do Lido, ou de qualquer outra praia chic em que cada um dos banhistas elegantes trabalha mais num dia, em mudanças de toilette e em danças constantes para distrair senhoras, do que sete galegos na descarga de vinte vagões de azeitona, mas também não vim até êste refúgio para me preocupar com coisa alguma.

Se não me rodeiam as tais comodidades de Ostende, também não me apoquentam as actuais atrapalhações de San Sebastian.

Tenho a paz deliciosa de que os meus nervos encrespados tanto careciam. E isto me basta.

Ontem cometi uma falta, uma grave falta de que me arrependo sinceramente, sôb a solene promessa de não tornar a cair noutra enquanto esta me lembrar.

Calculem que, vivendo numa pacatez virgiliana, dei-me ao luxo de descer a uma cidade que dista dêstes sitios uns trinta quilómetros bem medidos.

Porque fiz eu aquilo? Sei lá! Sei apenas que me deu na telha ir à cidade, como se não estivesse saturado de cidadades até à ponta dos cabelos...

Uma vez ali, começo a ouvir o roncar nervante dos automóveis, a berraria da T. S. F. que veio vingar cruelmente as grosserias que tantas vezes dirigimos às dengosas meninas que tocavam piano, e os alto-falantes dando notícias apavoradoras do que se passava por êsse mundo inteiro.

Empurrado por uma multidão de curiosos que me impedia a fuga, tive de ouvir contar, com mil e um pormenores que se contraditavam, a angustiada situação da vizinha Espanha; as já tradicionais convulsões chinesas que o Japão regula, consoante lhe convém; as já crónicas agitações na Palestina em que os árabes pretendem levar a melhor sôbre os judeus, perseguindo-os com mais dureza do que os cristãos de outras eras; a resistência que os abexins estão ruminando

CRÓNICA DA QUINZENA

contra o invasor da sua terra, e que, mais dia menos dia, deve dar de si.

Mas quem me mandaria meter naquêles apêrtos?

Logo que apanhei uma aberta, larguei a fugir, e fui entrincheirar-me num café pacato, a-fim de poder limpar mais à vontade o suor que me encharcava.

Nisto, um individuo que eu não conhecia, largando o jornal que estava lendo, disparou-me êste desabafo:

— Então a Alemanha lá violou outra vez o Tratado?

— Não faço a mais pequena ideia — limitei-me a responder com a maior inferença.

— Pois vem aqui — insistiu êle estendendo-me a gazeta — veja aí na parte que fala de Dantzig.

— Não posso lêr — desculpei-me — dei-xei os óculos em casa.

O homenzinho calou-se. Daquêle estava eu livre... Pelo menos, assim o pensei. E, saboreando uma cerveja morna como caldo que um criado mais mórno ainda me trouxera, voltei a pensar na paz deliciosa daquêle recanto donde nunca deveria ter saído.

Em dado momento, o importuno, que voltara a absorver-se na leitura do jornal, saíu-se com esta:

— É horrível o que se passa em Espanha, não acha?

Francamente aquêle miserável estava a abusar de mim, ou então era tão estúpido que não compreendia a minha esquivia em dar-lhe trêla.

E daí — quem sabe? — talvez fôsse um pobre homem que, confrangido com os males alheios, dêsse largas à sua indignação, aproveitando o primeiro mortal que estivesse disposto a aturá-lo.

— Bombardiar assim uma cidade, onde se abrigam velhos, mulheres e crianças, é bárbaro, não acha?

— Não, senhor, não acho — ripostei com bem fingida firmeza, na intenção de o disfrutar.

— Que horror, Santo Deus! — gemia o homenzinho — canhões assestados contra uma povoação, vomitando granadas, sôbre granadas... Pois não acha isto horrível?!

— Não, senhor. Acho até que tudo isso tem uma música encantadora.

— Essa agora! O senhor não está bom da cabeça!

— Estou, não se assuste... É que eu já estive em Espanha numa ocasião de revolta. Quando um canhão disparava uma granada sôbre qualquer ponto, ouvia-o nitidamente cantar numa toada plangente:

Adiós, Granada! Granada mia!

O homenzinho não quis ouvir mais, e saíu como uma bala, sem ao menos se despedir, como qualquer canhão, por mais grosseiro que fôsse, teria feito.

Era o momento próprio. Acabava de chegar a camioneta que me havia de reconduzir ao lindo recanto minhôto donde tão imprudentemente saíra para visitar a cidade.

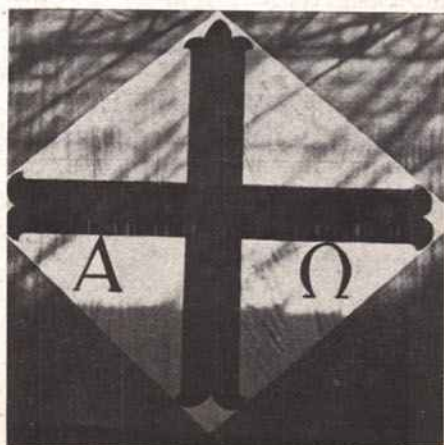
Agora, que me encontro novamente sossegado e cada vez mais firme no cumprimento da solene promessa que fiz, aconselho os meus queridos leitores a que façam o mesmo, fazendo votos porque tenham umas férias tão férias como as minhas.

Ir ao estrangeiro para quê? As nossas praias são mais belas do que as mais famosas lá de fóra. Se lhes falta o bulfício rugidor das grandes capitais, é justamente por isso que são próprias para cura de repouso. Basta que o mar com a sua orquestração majestosa nos delicie os ouvidos e vivifique os nossos pulmões combalidos com as lufadas de iodo.

Ir ao estrangeiro para quê? Se todo o mundo se encontra agitado, não será melhor repousar nêste querido e sossegado Portugal, que é, como disse o Poeta, "um lindo jardim da Europa à beira mar plantado"?

At.º V.ºº e muito grato,
Sergio de Montemor.

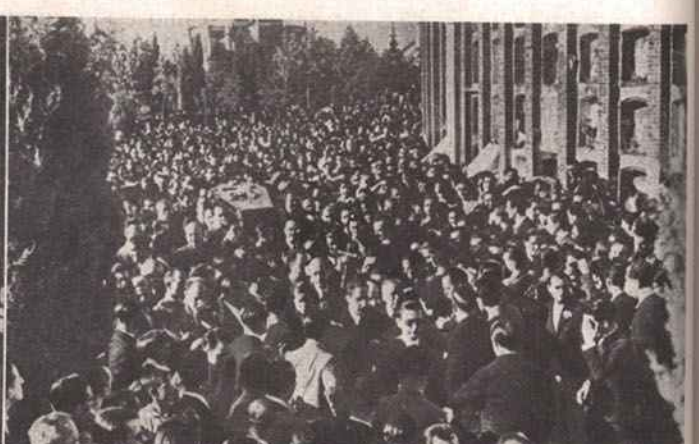
O FIM HORROROSO DE CALVO SOTELO



SACRIFICADO a uma sanha política inconcebível tombou o ilustre estadista espanhol Calvo Sotelo que um grupo de guardas de assalto, chefiado por um tenente, prendeu em sua casa e matou a tiro e à baionetada no caminho para um cemitério de Madrid. As nossas gravuras representam o feroso deputado da «Renovação Espanhola» em três fases dos seus discursos de propaganda. A' esquerda a bandeira dos Tradicionalistas Espanhóis



CALVO Sotelo, ao abandonar a pasta da Fazenda que sobraçou na situação]Primo de Rivera, tendo a seu lado o seu sucessor, Conde de Los Andes A' direita: a filha de Calvo Sotelo, saindo da igreja de S. Domingos, onde se realizou uma missa de «Requiem» sufragando a alma do malogrado estadista espanhol. No rosto desta jovem espelha-se ainda nitidamente o horror por esse crime espantoso que a precipitou na mais pungente orfandade

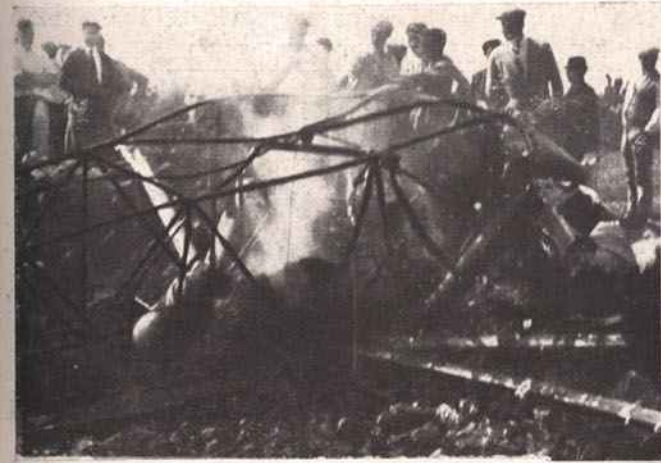


As exéquias na igreja de S. Domingos sufragando a alma de Calvo Sotelo. A' direita: Os funerais do caudilho da Renovação Espanhola atravessando uma das ruas de Madrid. A gravura patenteia bem a imponência do cortejo que, sendo uma manifestação de saudade, constituiu também um enérgico protesto contra o revoltante atentado. Os ideais não morrem ante a violência dos assassinos, antes se revigoram no sangue dos seus mártires.

A TRÁGICA MORTE DO GENERAL SANJURJO



O general Sanjurjo no seu gabinete de trabalho em que tanto meditou para alcançar a redenção da sua Pátria. A esquerda: o aviator Ansaldo após o desastre em que o glorioso pacificador do Riff perdeu a vida



Os restos fumejantes da avioneta em que o heroico cabo de guerra espanhol encontrou a morte quando levantava vôo da Marinha de Cascais



As exéquias na igreja do Estoril por alma do general Sanjurjo que uma fatalidade irreparável impediu de derramar mais uma vez o seu sangue pela Pátria no angustiante momento em que ela mais carecia do seu valioso auxílio



A velar o cadáver do heroico general, apresentaram-se mancebos espanhóis que, numa impressionante manifestação do seu patriotismo, saberão cumprir o que seu glorioso chefe lhes recomendara, e há de continuar a recomendar-lhes do Além-Túmulo



Dois aspectos do imponente cortejo fúnebre para o cemitério do Estoril, onde ficarão depositadas os restos mortais do general Sanjurjo. Pela sua grandiosidade, vê-se a profunda simpatia que os portugueses tinham por este herói espanhol. Quando ele, iludindo a vigilância das autoridades portuguesas, procurava levantar vôo para ao local do perigo que ameaçava a sua Pátria, devia levar saudades destes carinhosas paragens do Estoril!

Manuel Pinheiro Chagas e a sua estátua

FALOU-SE há tempos em retirar da Avenida da Liberdade a estátua que um grupo de amigos e admiradores de Manuel Pinheiro Chagas fizera erguer à memória do grande escritor, numa tão sincera quanto espontânea homenagem.

Mas porque havia de sair dali o monumento ao autor da "Morgadinha de Valflôr"?

Felizmente, esta ideia não passou de um simples boato, engendrado talvez pela visinhança do "Discóbulo," que, como se sabe, foi mostrar as suas habilidades para outro sítio, havendo até quem afirmasse que aproveitou a oportunidade para concorrer aos Jogos Olímpicos de Berlim.

Quanto ao nosso Pinheiro Chagas não lhe tocam agora, pelo menos.

Pinheiro Chagas bem mereceu a homenagem que lhe tributaram. O povo aprendeu a conhecê-lo e a venerá-lo. Nesse tempo saudável em que o romantismo se encontrava em plena florescência; em que Camilo Castelo Branco tomava o primeiro lugar na feitura do romance nacional, em que Rebelo da Silva punha nas suas telas o esplendor de tintas de Theophile Gauthier; em que Júlio César Machado brincava com a austeridade da língua portuguesa, nas graças parisienses dos seus folhetins, surgiu Manuel Pinheiro Chagas que, facilmente suggestionável como todos os novos, se

Manuel Pinheiro Chagas



entregou de alma e coração à escola romântica.

Um crítico, referindo-se a Pinheiro Chagas, afirmou que "a adoração d'êste escritor por Octave Feuillet era tal que, durante longos anos, procurou imitá-lo o mais possível". E acrescentava que "no teatro, a "Morgadinha de Valflôr," poderia dizer-se colaborada, a meias, por Feuillet e Chagas, consistindo justamente o elogio de Chagas em não ficar inferior a Feuillet".

Salientava ainda que "quando Pinheiro Chagas perdeu de vista Feuillet no teatro, e trabalhou por conta própria, a sua obra, menos apaixonada, menos quente, começou a empalidecer, e nenhuma das outras suas peças, incluindo a última, já escrita com a morte no coração, teve o favor público que a "Morgadinha," conquistou. A "Lição cruel," limitou-se a um "sucesso de estima," de consideração e respeito pelo escritor que, já mortalmente ferido por uma doença terrível, queria ainda acabar trabalhando".

Se a obra de Pinheiro Chagas não foi mais cuidada é porque, à semelhança do colosso de Seide, tinha de conquistar um salário para atender às inadiáveis urgências do seu lar, onde pipilavam sete filhos.

Que melhor definição querem que a de Castilho, ao aludir a Pinheiro Chagas: "Êste escritor é obrigado a frigar todos os dias os miolos para dar de almoçar à família"?

O povo habituou-se a ler a obra vastíssima d'êste escritor, e preferiu-o aos mais empolados estilistas, porque o compreendia melhor.

A ideia do levantamento da estátua ao autor das "Tristezas à beira-mar," partiu de José de Melo, então director da *Mala*



da Europa e, O monumento a Pinheiro Chagas que, com Pinheiro Chagas, fundára o *Correio da Manhã*, em pleno Chiado.

José de Melo não podia esquecer-se da boa camaradagem que sempre mantivera com o escritor. E, assim, surgiu a iniciativa da subscrição que, aberta nas colunas da *Mala da Europa*, foi logo acolhida com o maior entusiasmo.

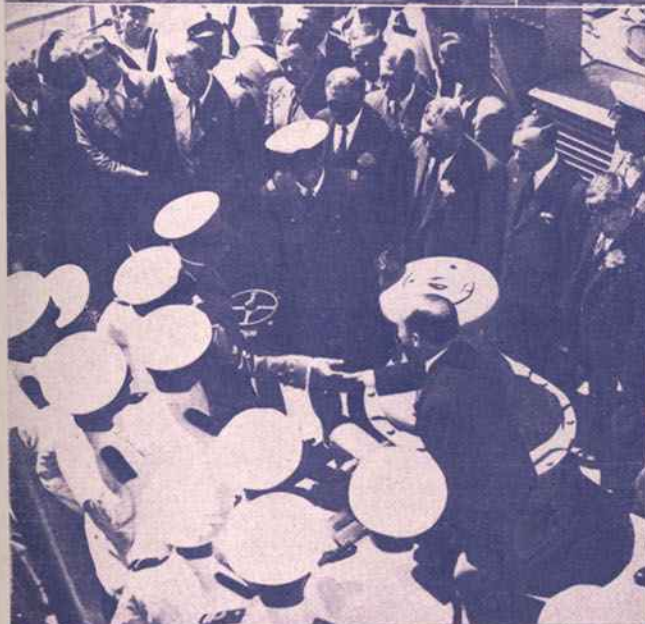
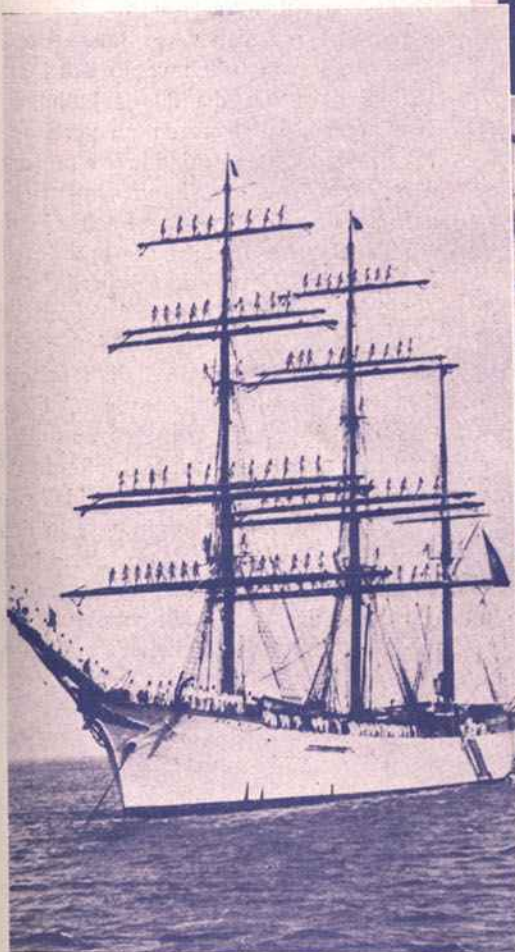
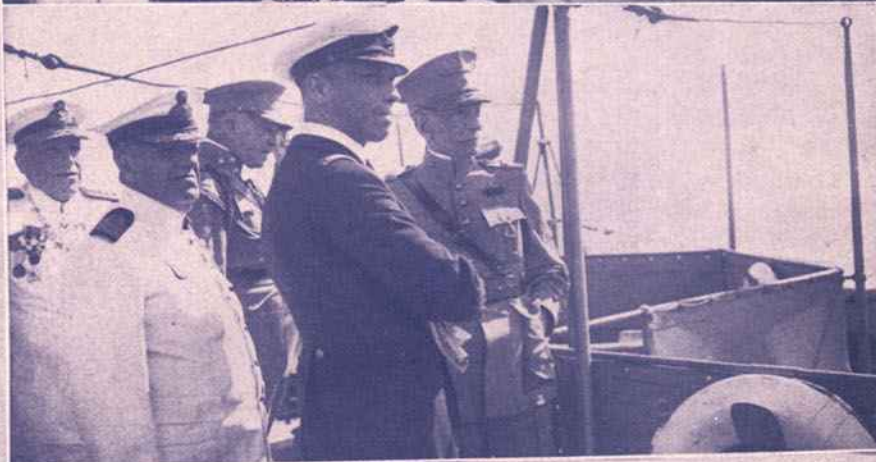
Foi David de Melo o encarregado de escolher o escultor para realizar o monumento, que deveria ficar a cargo de Costa Mota, Tio. José de Melo confiava nos merecimentos do filho, já então um pintor de raro mérito.

Quando Costa Mota apresentou a *maquette*, David de Melo aprovou-a sem a menor hesitação, visto que, toda esculpida em mármore, a estátua resultaria formosíssima. Mas, como Costa Mota tivesse uma fundição, aproveitou a oportunidade para a divulgar, apresentando a figura da "Morgadinha," em bronze.

E, num momento em que se impõe, mais que nunca, o estudo da História Pátria, honrem a memória d'êste português illustre que tanto se empenhou em esclarecer o espírito do nosso povo.

Festas em Cascais

O comandante do «Pedro Nunes», junto do Chefe do Estado e do ministro da Marinha, agradecendo a pasta oferecida pelas Juntas de Freguesia de Cascais. *Em baixo:* o sr. Presidente da República assistindo às regatas. Um aspecto dos barcos de pesca passando em continência junto do «Pedro Nunes». *A esquerda:* o navio-escola «Sagres». *Em baixo:* o Chefe do Estado cumprimentando o presidente das Juntas de Freguesia de Cascais. Continência à bandeira oferecida ao «Pedro Nunes» pelas Juntas de Freguesia.





Primeiro Comitê Olímpico reunido em Paris, em 16-7-1894

A QUINZENA ESPORTIVA

para a compreender. O infatigável propagandista continuou com a mesma fé o seu apostolado, e, dois anos mais tarde, o triunfo veio compensar tamanha persistência.

A União das Sociedades Francêsas de Desportos Atlético convocou, em 1894, em Paris, um congresso internacional desportivo para a renovação dos Jogos Olímpicos, e no dia 23 de Junho, em sessão plenária efectuada na Sorbonne, foi aprovado por unanimidade o projecto e criado o Comité Olímpico Internacional para organização dos primeiros jogos em Atenas, em 1896; a sua presidência foi confiada ao barão de Coubertin.

"E' vulgar supôr-se, — diz este num dos seus livros, — que os Jogos Olímpicos tiveram como principal resultado a criação do internacionalismo desportivo. A hipótese não é exacta porque os encontros internacionais ter-se-iam multiplicado de toda a maneira, perante a necessidade de enulação proveniente do progresso dos desportos. O neo-olimpismo teve sobretudo a virtude de provocar a concentração desportiva, obrigando os adeptos de modalidades que haviam vivido estranhos e até hostis, a trabalhar em comum.

Não se imagina hoje o que eram, ha quarenta e cinco anos, a mentalidade e o espirito de inimizade recíproca no mundo dos dirigentes desportivos. Aos preconceitos de casta adicionava-se a desconfiança técnica proveniente da suposição de que a prática dum desporto prejudicava o aperfeiçoamento muscular para outra modalidade. Foi o contacto frequente pela necessidade duma preparação comum para o mesmo objectivo que foi desfazendo atritos e estabelecendo melhor compreensão pelo mais perfeito conhecimento mútuo.

E o artigo termina afirmando a vanta-

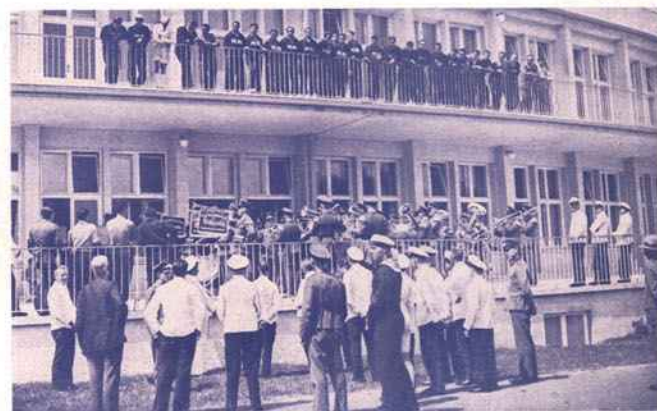
gem das competições, com uma frase que concretiza perfeitamente a finalidade do desporto e explica também a razão dos preciosos resultados da renovação dos Jogos Olímpicos mundiais: "Para que cem individuos se consagrem á cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem desporto, e vinte se especialisem; para vinte se especialisem é preciso que cinco consigam obter marcas extraordinárias. Não ha que saír disto; é uma cadeia de lógica indestrutível."

O estatuto olímpico, pelo qual se regem os jogos nas suas manifestações quadrienais, estabelece taxativamente que só os amadores podem inscrever-se para as diversas provas do programa.

Os amadores participantes nos jogos devem satisfazer pelo menos, diz a lei olímpica, as duas condições seguintes: 1.º — não podem exercer ou ter exercido o profissionalismo no desporto para o qual são inscritos; 2.º — não podem ter recebido quaisquer indemnizações em dinheiro para compensar salários perdidos.

Esta é a grande mentira olímpica, aquela que mais afecta a elevação moral do seu prestígio; os homens que, na cerimónia inaugural, prestam por sua honra o juramento de respeito ás leis olímpicas, são na grande maioria perjuros conscientes, como perjuros são os dirigentes que se responsabilizaram á fé da sua assinatura, pelo amorismo dos primeiros.

Nos desportos populares, os campeões de classe excepcional são todos profissionais encobertos; o amator autêntico é tão raro como a serpente do mar. Os



Uma orquestra em frente da Casa Berlim em cuja varanda se encontra a seleção Olímpica do Paris

membros do Comité Internacional sabem-no com certeza, porque vivem em contacto com o mundo e o facto é do domínio público; persistem, no entanto, para não destruir tradições, na conservação dum protocolo que é atentatório das leis sagradas de lealdade e cavalheirismo que regem as práticas do desporto.

Os primeiros jogos modernos celebraram-se em Atenas, em 1896. As dificuldades a vencer foram consideráveis, sobretudo pela animosidade manifestada por certos políticos gregos preponderantes, mas a iniciativa venceu apesar de tudo, tendo sido o príncipe herdeiro Jorge um dos mais entusiasticos influentes.

A subscrição pública aberta na Grécia rendeu, em menos de dois mezes a quantia de 30.000 drácmas e um riquíssimo comerciante da Alexandria ofereceu um milhão para reconstruir o estádio, que foi edificado todo em marmore branco, ostentando a forma duma ferradura, e com capacidade para 80.000 pessoas.

Os gregos deram aos jogos um cerimonial espectacular, que deturpou um pouco o ambiente duma re-

constituição que devia ser piedosamente respeitada.

A 2.ª Olimpíada organizou os seus Jogos em Paris, em 1900, por ocasião da Exposição Universal que os promotores pensavam contribuisse para o êxito do torneio; sucedeu, porém, exactamente o contrário, e os Jogos passaram despercebidos, prejudicados, ainda pela organização descuidada do Comité. Entre vários incidentes desagradáveis, foi muito comentada a situação embaraçosa em que se encontrou a equipa alemã á sua chegada a Paris, sem alojamento reservado porque o Comité se esqueceu dela.

Os Jogos de 1904 foram concedidos aos Estados Unidos, que os realizou na cidade de S. Luiz.

Em 1906 efectuaram-se novamente em Atenas uns Jogos extraordinários, promovidos pela Grécia que aspirava conseguir o exclusivo das manifestações olímpicas.

A quarta edição oficial dos Jogos teve lugar em Londres em 1908, e marca a primeira organização desportivamente perfeita. Sucessivamente, Estocolmo em 1912, Antuérpia em 1920, Paris em 1924, Amsterdão em 1928, Los Angeles em 1932 e, agora, Berlim, tem servido de cenário a grandiosas demonstrações olímpicas, cujo interesse desmentem tem sido a melhor afirmação do progresso e da expansão do desporto mundial.

Os portugueses têm participado nos Jogos desde 1912, alcançando em esgrima e no hipismo, algumas classificações brilhantes. Esperemos confiadamente que, durante a quinzena hoje iniciada, os seleccionados de Portugal honrem as cores do seu País e correspondam ás esperanças que lhe foram confiadas pelos dirigentes e pela opinião pública nacionais.

As quatro horas de tarde de hoje, no Estádio Monumental de Berlim, perante cem mil espectadores vindos dos mais diversos pontos do mundo, e ná frente de dois mil atletas seleccionados em 37 nações dos cinco continentes, o chanceler Hitler procederá á abertura solene dos jogos da XI Olimpíada moderna. Não é exagero afirmar que, neste momento, as atenções do Universo inteiro convergem para o maior acontecimento desportivo do ano; a formidável organização alemã, os progressos técnicos dos campeões nestes últimos tempos, a própria necessidade social de desviar o interesse para assuntos menos tenebrosos do que as habituais preocupações da política internacional, asseguram aos jogos de Berlim um êxito sem precedentes.

A renovação contemporânea do Olimpismo, gerada no cérebro do pedagogo insigne que é o barão Pierre de Coubertin, deve ser considerada essencialmente uma obra de paz e de aproximação entre os povos. Se os resultados práticos não corresponderem aos propósitos da iniciativa, porque ha erros da humanidade impossíveis de corrigir, é, no entanto, justo reconhecer á organização olímpica um prestígio incomparável e uma influência decisiva na propaganda do desporto.

A campanha do barão de Coubertin teve como finalidade inicial a transformação dos processos educativos da mocidade no seu país, influenciado pelos novos métodos do padre Tomás Arnold no colégio inglês de Rugby.

A pedagogia arnoldiana, pretendendo criar em Inglaterra gerações mais conscientes dos seus deveres e dos seus direitos, tinha o desporto por engrenagem central; entusiasmo pelos seus preceitos, Pierre de Coubertin empreendeu divulgá-los, convicto de que se tratava de

verdades universais e não de aplicação restricta a determinado povo ou raça.

"Quando o "Comité para a Propaganda dos Exercícios Físicos", — escreveu este autor, — reuniu pela primeira vez em Paris no dia 1 de Junho de 1888, presidido por Jules Simon, tinha em vista uma reforma pedagógica determinada. Reconhecendo que nos princípios sobre os quais Arnold assentara a sua reforma e baseara o seu sistema, nada havia de exclusivamente anglo-saxão, os fundadores do Comité visavam introduzir esses princípios em França, adaptando-os á mentalidade e ás instituições nacionais. Tentavam assim transformar a educação e reavivar a França; poucos foram aqueles dispostos a apoiar de início semelhante ambição mas, em contra-partida, insurgiram-se contra ela todos aqueles que sentiam lesados os seus interesses ou cujos hábitos eram transtornados pelo novo estado de coisas."

Sem desânimo ás primeiras dificuldades, Coubertin prosseguiu na sua campanha e, alargando cada vez os horizontes do empreendimento, sentiu que a forma eficazmente decisiva de o popularizar era internacionalizá-lo, propondo num discurso pronunciado em 25 de Novembro de 1892 o restabelecimento dos Jogos Olímpicos.

Esta primeira sugestão não encontrou eco favorável porque o meio não estava preparado

Vaso grego do século antes de Cristo, representando uma corrida pedestre



Anfura do século vi antes de Cristo, representando a coroação dum vencedor dos Jogos Olímpicos

QUANDO pelo mundo se exhibe, em espectáculos deslumbrantes de coragem e fôrça, o nosso adorável inimigo—o homem—fica-se amanchucado perante tanta audácia e valentia.

Os outros homens, fantoches de salão ou pulidores de calçadas, invejam êsses seus semelhantes, julgando-os mais poderosos, maiores conquistadores do outro sexo chamado fraco, e

quereriam ser assim musculosos, assim enérgicos, para poderem dominar a fêmea completamente, prendê-la nos elos de ferro dos seus braços, e escravizar-lhe a alma com o fluido avassalador do seu olhar carregado de mil cadeias que dificilmente afrouxam os seus anéis, quando se enroscam na presa cubiçada.

E como êles, os invejosos duma fôrça tôda aparência, se enganam nos seus juízos sôbre os seus parceiros que ganham a vida num estendal forçado de arrancos musculares e fluidos magnéticos...

E' preciso não esquecer Sansão, o gigante que derrubou mil filisteus com a queixada dum burro e deitou abaixo as colunas do templo a que o sujeitaram com pesadas correntes.

Forte ou fraco no seu exterior, espadaúdo, barbudo cabeludo, frágil, careca ou glabro, o homem — o nosso rico homem, rico de astúcia e de manha — é sempre o mesmo boneco de cordelinhos nas mãos da mulher, e não resiste mais um do que o outro, a não ser que o mais fraco se agüente mais tempo na trincheira, bombardeado pelos requebros femininos. "Grande náu, grande tormenta" — quanto mais fôrça, maior é a derrota e mais visível. Janotinhas do Chiado, quando virdes ali no Coliseu, que é o mostruário famoso de tôdas as habilidades e extravagâncias que assoberbam o género humano e espadanam sôbre os animais inferiores, quando ali virdes o atleta erguendo pesos fantásticos como quem brinca com plumas, o ginasta desafiando a ave, saltando de trapésio em trapésio, rápido e leve, o motociclista, rindo do perigo na curva da morte, não os invejeis.

Eles, no fundo, padecem da mesma fraqueza que vos arraza perante uns olhos

brilhantes de promessas de amor ou uma boca talhada em arco, ao serviço do próprio Cupido.

Não esqueçam Sansão, rapazes.

Vocês viram êsse fascinador de feras —

A fôrça dêles... é a nossa fôrça...

o Blacaman — que durante um mês fez cócegas na espinha do lisboeta pacato? Quantas vezes vocês disseram com os seus botões: — Este tipo é que há-de saber levá-las, é que há-de prendê-las ao seu olhar como faz ao crocodilo ou ao leão!

Um engano. Esse homem, que tanto se compraz no convívio das feras, que as morde e beija com ternura de amante, e que logo as sova com o pé ou com o chicote, êsse, é também o mesmo pobre diabo, como vocês, nas mãos duma mulher.

Os seus dentes cinzentos — os seus den-

Pobre dele! Quando quer apanhá-las, são elas que o prendem; quando as fita, quem cai em sôno hipnótico é êle — o mesmo fantoche, o mesmo boneco que vocês, rapazinhos franzinos, amaneirados.

E ainda bem. Os homens cumprem o seu destino, quando submetem a sua fôrça à debilidade da mulher.

Os outros — os que desdenham da mulher ou querem fazer dela sua escrava, êsses estão fóra da lei da vida.

Lembrem-se de Sansão, rapazes. Mais dia, menos dia, aparecem as tesouras de Dalila...

Não, rapazes, não invejem os fortes. A sua fôrça é simplesmente aparente. É fôgo de palha que arde a um simples olhar de mulher.

Vocês homens são todos iguais, se são homens dignos dessa designação.

Ser fraco assim é uma honra, um atestado de masculinidade.

Nunca se envergonhem dessa fraqueza que lhes vem do império da mulher.

E cantem dentro de alma as recordações de seus amores, quando avançarem na vida entre risos e prantos, como o divinal poeta canta suas conquistas e ponham como êle sempre mais alto o último amor que se arvora senhor em vosso peito. Ponham os olhos em Olavo Bilac, forte de talento, forte de vontade na luta pela vida com os homens e contra a adversidade, mas débil em face

da mulher, sua eterna musa, sua eterna paixão:

*Todas, formosas como tu, chegaram,
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio
Todo o veneno da paixão deixaram.*

*Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve olhar como êsse olhar, tão cheio
De luz tão viva, que abrazasse tanto!*

Deixem-se de vaidades, não queiram dar-se ares de valentes, não queiram contrariar os seus olhos que desejam rever-se contentes nuns olhos que ha muito os trazem doidos de amar só para que não os alcunham de fracos de sentimentais.

Mercedes Blasco.



tes fortes que êle cobriu de platina, para os reforçar ainda e poder cravá-los na pele dos leões — não metem medo a nenhuma filha de Eva, por mais pequenina e frágil que ela pareça.

Quando elas se enroscam no seu desejo, como as serpentes que êle dependura ao pescoço quais monstruosos colares, não é com a mesma facilidade que êle se liberta destas que pode safar-se dos laços feminis.

Talvez vocês pensem que é com essa mesma ferocidade que êsse homem — leão se atira à mulher para domá-la ou hipnotisá-la com os seus olhos de cintilações metálicas.

ENCONTRO num livro de Henri Heine, chegado de França e remetido por um amigo de infância, uma quadra, que resume no seu conteúdo espiritual e humano, todo o meu drama. Há muito tempo que a minha sensibilidade e o meu desejo, a inquietação que caracteriza a minha vida mental, tinham descoberto este poeta, nascido na Alemanha, e criado na França, vítima da sua origem judaica, cuja tragédia é um exemplo, e cuja obra vive palpitante, ainda, dezenas de anos após a sua morte.

Na vida de Henri Heine, sub-consciente e misteriosa, existe um traço que a aproxima da minha, desmantelada por inesperado vendaval, por completo naufrágio de sonhos, quando a manhã era mais clara e o azul do céu mais tranqüilo e azul. Na minha vida e na de Heine, o maior dos poetas do novecentos judaico, e o maior da Alemanha novecentista, existe, acutilante e destruidor, o problema da morte, o mais profundo e invencível de todos os problemas que afligem a humanidade consciente. Eu sei que, para quasi todos, a morte é um incidente, fixado com indiferente tranqüillidade, aquela tranqüillidade com que a humanidade, em pleno século vinte, fita os problemas mais variados e complexos. A morte é para quasi todos, ou para todos, o fim legal, ou mais claramente, a meta fatal para aqueles que a vida ceifa nesta ou naquel'outra idade.

Os que labutam todos os dias, entretidos com as horas, átomos da avalanche, comparsas do drama comum, vivem acima do problema, ou não cuidam dele por ausência de compreensão ou exaltação emotiva. São poucos os que neste século, caminheiro e veloz, param um instante, desejosos de se interrogarem, ou necessitados de balanciar a própria existência. O drama do quotidiano substituiu em parte, ou no todo, o drama do consciente. A mecânica da vida de hoje, tendo por horizonte a moral do post-guerra, distanciou os homens, esfacelou as cadeias da afectividade individual, criando neles uma outra expressão

de affectividade, mais extensa, e possivelmente mais humana, a da grei, na qual a primeira não pesa qualificativamente. Pensamento de um, quando não reverta a favor do comum — e o pensamento exacto é a mais alta expressão da affecti-

vidade — não interessa, ou é fôlha morta, arrastada pelo vento no seio da floresta viçosa e exuberante.

O desprendimento do próprio arrastou, nesta época em que tudo se reduz à prática discussão do bi-metalismo, o pro-

a noite à procura do mistério, idêntico ao da sombra e ao da própria noite. Revolvo o húmus, e as minhas mãos, enquanto o pensamento se contorce, procuram baldadamente palpar a dúvida, sentir o infinito. Não cuido saber de que lado está a verdade, ou para que lado ela se inclina, quando a tormenta é maior dentro de mim, e o vendaval sopra, agreste e violento, anunciando o fim do mundo, do mundo dos meus sonhos. Para quê?

Aconselho os que não sofrem, os que ainda não foram tocados pela asa da morte, a não bolir no problema. Não toquem na dúvida. Caminhem na vida humilhando-se e vencendo, como aquele pobre violonista da *Morte do Palhaço*, de Raul Brandão; como aquele pobre farrapo humano, moído de inveja, que atapeta a vida com a lama da sua alma, que a sua sensibilidade gera indefinidamente.

Não toquem!

Para quê ter piedade, fixar as coisas com ternura, parar junto dos que sofrem, limpar-lhes as feridas, incutir-lhes esperança, ou acalentar o fogo no braço coberto de cinzas? O que se torna necessário, o que faz bem, o que nos consola, é não tocar na lama, passar de lado, enquanto os outros tombam irremediavelmente, pobres gafos, isentos de beleza, habituados a confundir o sonho com a loucura, e o bem com o mal.

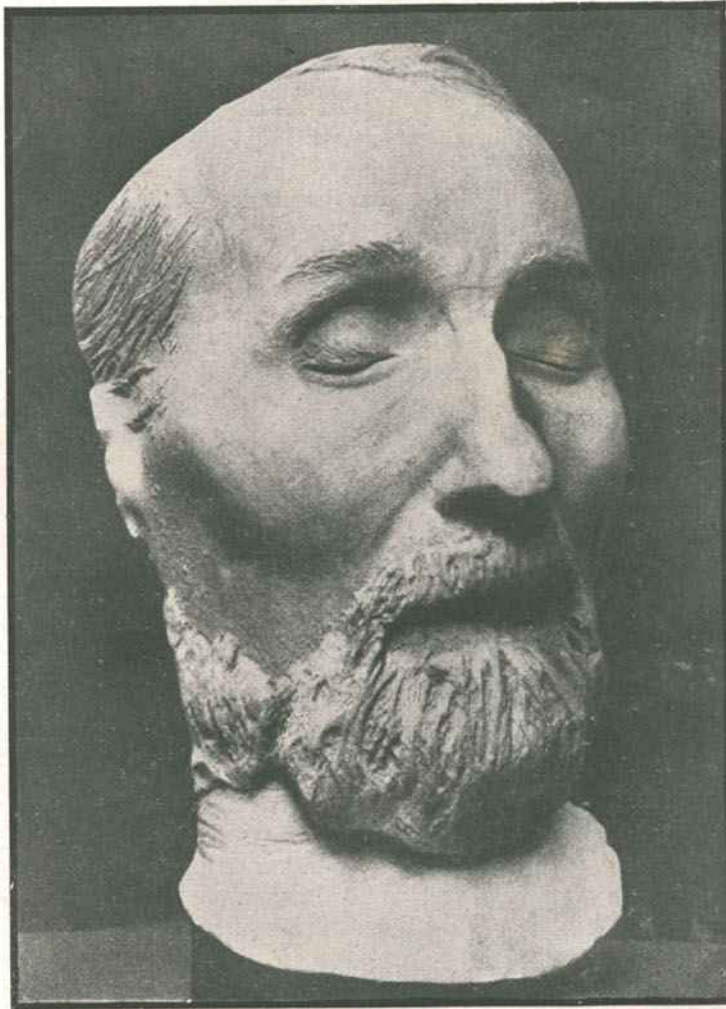
Volto ao livro de Heine. Abandono a vida por uns instantes.

Pela janela do meu quarto, rasgada sobre uma grande avenida, entra um luar de prata líquida, que inunda, e encharca todos os meus sonhos. No silêncio da noite tombam fôlhas de plátanos, sequiosas de água. Tombam fôlhas! A minha tristeza e o meu isolamento são cada vez maiores, e sinto-me impotente para afastar do meu quarto o luar de prata líquida que inunda e encharca o pequeno mundo das nossas coisas.

Pobre Henri Heine!

Augusto d'Esaguy.

A TRISTEZA DE HENRI HEINE



blema da morte para um segundo plano. Só os affectivos e os poetas, os que se entregam mais a si próprios do que à vida, ou os contemplativos místicos, pensam na morte, fim ou iniciação, e cuidam da resolução deste problema, cuja beleza poucos adivinham, e de cujo mistério os mais tímidos fogem apavorados.

No meu jornal, escrito em maré alta de angústia, tendo a morte bordando a meu lado silenciosamente, interrogo-me várias vezes, e deixo que os meus olhos sondem

S. Francisco
condicionado
no seu catre

rar que eu respondesse — como se dependesse de mim a paz. Mas, varado de espanto, eu perdera a voz...

Alcateias de lobos haviam, no último inverno, invadido a Úmbria, vindas do Norte, acossadas pelas primeiras neves; e, como se houvessem dividido em marcadas zonas de domínio montanhas, vales e planícies, tudo assolavam: chacinavam rebanhos, trucidavam pastores, atacavam povoados, e arrancavam, não só ao berço, mas dos próprios braços das mães, as criancinhas!

Havia quase um mês, porém, que, três léguas em redor de Assis, não se assinalavam alcateias. Dizia-se que assim era por intercessão do Santo: o Lobo-Rei entrara com ele em negociações...

— Chefe, o Lobo-Rei entrara com ele em negociações...

Francisco insistia, interpretando o meu silêncio: — Tu és daqueles que querem impedir a paz entre as criaturas de Deus, és dos orgulhosos que entre os seres viventes põem distinção? Como perseverais no Pecado! Pois aí vem o reinado de Jesus, e quereis perpetuar tal guerra? Vê como o rouxinol gorgoeja em pleno outono; já para exaltar a glória do Supremo Advento é para as avesinhas perene a primavera...

Um rouxinol veio pousar nas suas mãos, que se erguira para o céu. E cantava!

Senti-me, de repente, transportado a casa de S. Francisco, sem dar mais um passo! Ele chamou; veio Elias de Cortona, e poz na mesa um cabaz de maçãs, uma bilha de água e brã nova.

Acabada a refeição, saiu Francisco, desacompanhado.

E Elias contou, logo: — Veio hontem o Lobo. Matei, para ele, a melhor ovelha do rebanho. Viste como ainda no pátio o chão está ensanguentado? Francisco falou ao Lobo, mas ele não quis ouvi-lo, enquanto se não fartou. Depois, sim, deixou-se abraçar, e Francisco, beijando-o sobre os olhos, chorou, rogando-lhe misericórdia, e exortando-o ao arrependimento.

Pretendia o Lobo que nos tempos antigos eram as ovelhas que comiam os lobos, e que justo é que estes agora se vinguem. O Santo prégou, prégou...

LEGENDAS DO «VERRELLLO»

A PAZ COM O IRMÃO LOBO

— Mas será necessário comêr! — opoz o celerado, e abalou pelos montes, uivando. Francisco caiu de joelhos, e, enquanto orava, caíu como morto.

Veio Clara, que o estreitou nos seus doces braços; despertou, e logo te mandou chamar. Teve uma visão: diz que tens atrás do muro do teu cerrado, a entrada do curral, uma armadilha contra os lobos, e que foi isso que fez com que se quebrasse o pacto de Subásia.

Compreendi, alarmado. Era certo que á beira do meu muro, junto do curral, eu dispuzera uma armadilha... Mas, pois que o Lobo ameaçava, necessário seria passar, decididamente, da defensiva á ofensiva:

— Elias, ouve-me: Francisco está doente, perturbado, e com ser, como é, tão grande santo, não se livrará de que o tente o Demónio. Creio que, em glorificação do Eterno, ha de oferecer-se a paz a quem quere a paz, mas tem de opôr-se a guerra a quem faz a guerra. Elias, eu creio que é mister fazer ao Lobo uma bela montaria!

Francisco entrava o limiar da porta. Olhou-nos, entristecido, e disse:

— Ai dos malvados que quere, a todo o transe, a guerra! Ai dos homens perdidos que quere, a todo o transe, perder-se! Dêles não será o Reino dos Céus; não terão lugar no seio de Jesus; Deus ha de preferir-lhes os lobos...

Nublára-se o seu luminoso olhar. — Mestre, disse eu, a cólera assombra-te...

— Assombrados de desvairamento sois vós, que não tendes o coração humilde: o vosso coração é um ninho de viboras. E não sereis benditos por Deus, enquanto não andardes de rastos diante do lobo, que é mais meu irmão do que vós mesmos. Não vos apiedais do lobo, porque é feroz? pois é a sua ferocidade que deve mover a vossa alma. Fazei como eu, que o abraço, e tanto o abraçarei que me entenderá...

Francisco parecia fóra de si. E a ponto que, despedindo-me, terminou:

— Tu é que me não queres entender, porque a verdadeira fera és tu. Porque lançaste a armadilha contra o Lobo, teu irmão? Se o não houveras feito, enchendo-o de ira, não nos teria ele ainda exigido o cruento sacrificio. Vai, e recon-

tilia-te com ele, que, em quanto o não fizeres, com teu Deus te não reconciliarás.

Na azinhaga encontrei Santa Clara, Clara Sciffi, a virginal companheira de Francisco, loira e resplendente — que ele amava tanto, e cuja voz harmoniosa era como um fio de oiro que o ligasse ao céu — envolvida no seu manteu de burel, o nodoso cordão cingindo a cinta airosa, e calçada de rústicos tamancos de amieiro.

Disse-me que chegára, ha pouco, a Raposa de Roma, que se arvorára em diplomata do Lobo... Francisco tivera com ela uma conferência.

Então compreendi o triste espectáculo a que acabára de assistir: ás astúcias da Madre Raposa nem os santos resistem...

A tarde resfriava. Fui descendo para o vale, onde o rio se afoga entre pinhais e olivêdos, com passos incertos e o coração pesado de apreensões. Perúsia, entre vinhas, adormecia, distante.

E, por todo o caminho, não se apartou mais de mim aquela imagem de Francisco, tão diverso de que sempre o conheçera, comandando agora a obediência cega, impondo-se aos fieis em nome do Senhor, interpretando a vontade divina pela sua própria vontade, fulminando excomuniões por inspiração da Madre Raposa, e não da Madre Igreja...

Eu conhecia Francisco desde a mais tenra infância: brincáramos juntos, ainda antes de nos separarmos do regaço de nossas mães. Acompanhá-lo, sem desfalecimento, através da vida: a mansidão do seu animo fóra inalterável, em todas as provas cruéis que sofrera; a ternura do seu coração transbordára sempre em benções, mesmo para os seus perseguidores; e votando-se á dôr, essa dôr re-florira sempre em graças para todas as desventuras.

Eu fóra dos primeiros que o seguiam, e, quando na solidão de Rivo Torto acampámos entre as penedias e fômos expulsos pelo mau homem que ali alojava o seu burro, e que nos incendiou os cabanaes enquanto dormiamos, fóra eu quem transportára ás costas Francisco, desmaiado,

por léguas e léguas de verêdas hostis, a principio sób os apupos dos cabreiros dos montes, depois lapidados pelas crianças e bêbedos dos povoados.

Que alucinação o transformara até tanta durezza, como se fósse um cardinal schismático? Como é que Francisco, o Amigo do Homem, nos abandonava, tomando, tão facciosamente, o partido do lobo cerval?

O nevoeiro, que caía dos Apeninos, espalhava ondas de negrume e indecisão no meu torvado espirito.

De súbito, no carrascal, senti agitar os ramos. Era a raposa que sutilmente rastejava pelos matos, vencendo a encosta... A arteira, fugia!

Os últimos raios do sol trespassavam a bruma de flechas de oiro. Lufadas caliginosas apagaram-nos na noite, que descia. Melancólicamente, um sino desferiu as badaladas de *Angelus*...

Ao outro dia parti para Orvieto. Só voltei ao fim da semana. Apenas descarreguei da mula os ôdres de azeite, disse-me o irmão leigo, que me esperava:



S. Francisco de Assis — desenho de Antonio Carneiro

pátio, encadeado, o cão gania: soltei-o. E refiz a armadilha...

Cheguei á noite a Assis. Encontrei Francisco, no cercado, com Elias, Benedito, Clemente, João e Domingos. Só ele estava sentado; apenas me viu, ergueu-se, e, tomando-me de parte, disse-me com a sua costumada voz de mansidão:

— Ainda bem que vieste! Ficou ontem assente, entre mim e o Lobo, um pacto definitivo. Madre Raposa assistiu a tudo... Porque foi ela quem reconduzia o lobo á divina graça!

Começaremos por entregar á guarda do Lobo todos os cães de gado: o Lobo dotinará todos estes seus irmãos de raça. De cada rebanho se separarão três ovelhas e um carneiro para se habituarem ás alcateias, nos fojos. Assim passarão sete semanas... Na noite de sábado da última semana, todos os lobos da Úmbria, e os cães e todo o gado entrarão em Assis, convertidos á Lei da Fraternidade. E, ao romper de alva, celebraremos aqui a Missa da Aliança, consagrando o Dia do

Semhor. Que grande dia de glória, irmão! Na minha memória revivia a senda miraculosa da vida de S. Francisco... Um eflúvio extranho se desprendia dêle, que me entorpecia a vontade, que submergia todo o meu ser. O meu raciocínio não resistia mais; paralisára-se o meu pensamento num alvoroço de abandono: a minha alma desprendia-se de todos os laços carnaes.



Madre Raposa

— Francisco mandou recado para que prendêssemos o cão, e desfizêssemos a armadilha. A Raposa matou esta noite todas as aves na capoeira. O Lobo não veio, felizmente: não falta um anho.

Era uma manhã luminosa, doce e triste. A brisa fria desprendia as últimas fôlhas dos carvalhos e castanheiros.

Dei volta ao horto, aos currais. No

LEMBRA-ME, como se fósse hoje!

Eu corria pelo caminho pedregoso, que as primeiras chuvas tornavam quasi intransitável...

Mas a própria dificuldade da marcha me ia libertando das cismas do cuidado. Ao romper de alva, um mensageiro fóra bater-me á porta. Vinha da parte de S. Francisco, que adoecera gravemente, na véspera.

Ao céu, azul-pálido, não o toldava, agora, uma névum. O sol glorioso doirava a Terra, ainda êrma de verdura...

Ao fim de três horas de caminho, Assis apareceu no cimo do monte, entre escarpas. Trepeji, com pressa e ansiedade...

Mas, na primeira portela, avistei Francisco, á beira do carroiro. E tão absorto que, só quando cheguei tão perto que as avesinhas que o rodeavam debandaram pelo ar, é que deu conta de mim.

Como se encontrava ali?

Não ousei perguntar-lho: no fundo dos seus olhos adivinhava-se a sombra da inquietação febril.

O silêncio durou, até que chegámos ao alto da colina.

Então Francisco disse-me: — José, é necessário conciliar com o Lobo! Deus não quere a guerra entre irmãos.

E parecia espe-



Sentámo-nos debaixo do parreiral, absortos no silêncio; eu meditava as suas palavras: "Quero que prégueis por vossas obras; é pela vossa vida, e não pelas vossas palavras, que sereis julgados..."

Tôda a dúvida, tôda a incerteza se desvaneciam na Fé: — o Lôbo ia, enfim, humanizar-se. O milagre esplendia!

Nem eu sei o que me levou ainda a perguntar:

— Mestre, porque esperas sete semanas?

— É que, antes, hão-de retirar-se os monstros do mar!

O que queria dizer? Pobre de mim, que não podia penetrar os seus desígnios, os desígnios de Deus. Lembravam-me os preceitos da Ordem, em que ditára: "Sereis iguais a cadáveres, que não oferecem resistência alguma e se conservam sempre na posição que lhe foi dada..."

Beije as suas mãos, e de joelhos, com lágrimas, confessei-lhe as minhas tremendas culpas.

— Vai — disse, absolvendo-me num abraço — e cumpre a vontade do Altíssimo.

O luar nascia. Todo o cenário da planície e da montanha parecia mais vasto, mais profundo, solene e religioso...

Chovêra torrencialmente todo êsse dia de sábado, que era o último das sete semanas de provação.

Depois da meia noite, montei na mula, com o irmão leigo. Difícilmente vadiámos os ribeiros.

Gotejavam ainda as frondes das oliveiras. Pesadas nuvens rolavam, envoltas pelo luar. De quando em quando, relâmpagos fuzilavam.

Dos debruns das colinas, dos cimos dos oiteiros, das quebradas dos vales levantavam-se vozearias, clamores.

A Úmbria despovoava-se: ao nascer do dia, que festa em Assis! Dêsde os tempos de Cristo que milagre tão grande se não cumpria...

A mula estacou: ao clarão dum relâmpago vi dois rafeiros mortos, que a torrente arrastava!

la apear-me... Mas uma aldeia inteira se nos juntava — as crianças ao colo, e velhos de cem anos deitados na sua cama, em estrados como andores, levados aos ombros pelos bisnetos.

Á beira da Subásio era uma longa, in-

findavel procissão de muitos milhares de pessoas, espaiando-se como uma serena vaga.

A Paz! A Paz!

A Paz! E cânticos ascendiam

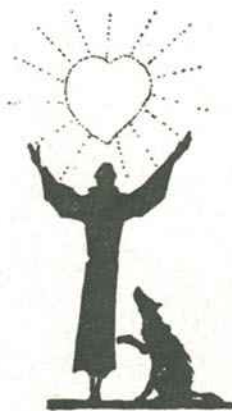
votivamente, celebrando S. Francisco e o Lôbo...

Já se puzera o luar; fachos ardentes guiavam a marcha.

Parámos à entrada de Assis: acenderam-se fogueiras, em arraial. E, aí, tôda a multidão ficou, de joelhos e orando.

A Rosa Divina despontava no horizonte: tôda a Perúsia, as colinas, os vales, as planícies e as cordilheiras longinhas, floria da brancura da neve dos Apeninos, cujo fulgor igualava o dos relâmpagos na noite. Avançamos.

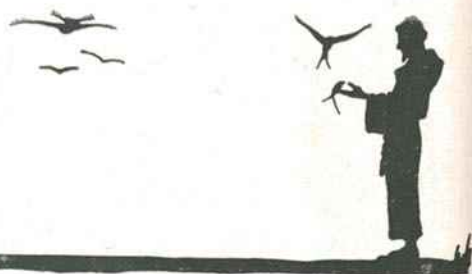
Na praça estava já tôda a gente de



Assis. Ali parámos ainda, e, não cabendo todos, derramaram-se muitos pelas ruas.

As portas das habitações dos currais haviam sido arrancadas, como em tôda a Úmbria, por ordem de S. Francisco: — Que venha a nós o Irmão Lôbo, e não encontre fechados porta nem cancelo!

Encaminhámo-nos para o convento, que fica além do povoado. A multidão, em côro, entoava, marchando, o Hino ao Sol: — "Louvado sejas Tu, meu Senhor, por tôdas as criaturas, e em especial por nosso Irmão



Sol, que nos dá o dia, e, belo no seu imenso esplendor, testemunha a tua glória; louvado sejas tu, Senhor!

"Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela nossa Irmã, a Terra-Mãe, que nos sustenta e cria, e produz a erva e os variados frutos com flores matizadas!

"Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela Água, nossa Irmã, tão preciosa..."

Mas ninguém aparecia a receber-nos! Adiantei-me, correndo... Passei a sébe, aflicto.

O espectáculo que se me deparou será sempre indescritível.

Do lado da arribana, viam-se rastos de sangue, pelagens soltas, carnes espasteadas...

Transido, penetrei no átrio. Benedito, Domingos, Clemente, João, ali jaziam em montão de carnificina. No corredor, Elias, lívido, o peito lacerado por garras, parecia agonizar...

S. Francisco, ferido também, jazia de bôrco, as mãos juntas, como se desfalecesse orando.

A multidão entrou no pátio, em tropel; alaridos e choros encheram tôda a casa.

Já Santa Clara velava S. Francisco, que depuzemos no seu catre. E o frade leigo banhava as fontes de Elias, que, como acordando dum pesadelo, murmurava: — Alcateias! Que alcateias!

Mandei chamar todos os peregrinos, trepei ao eirado, e clamei:

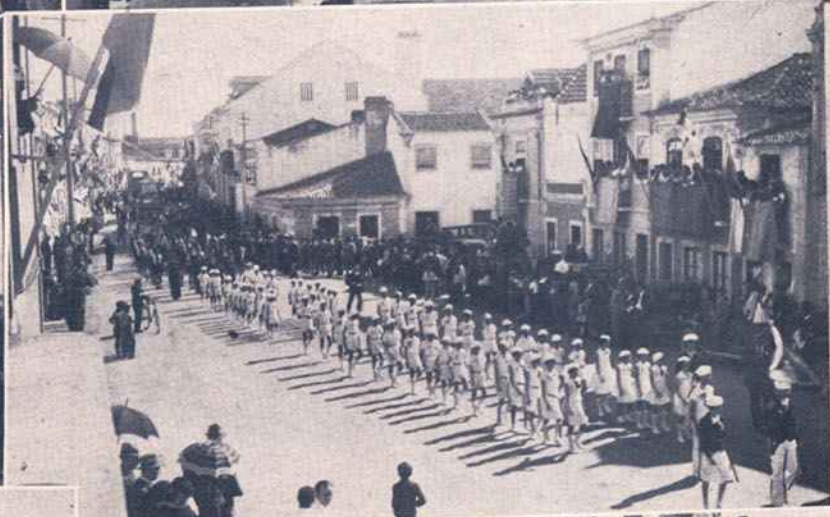
— S. Francisco foi tentado pelo Demónio, que quiz perdê-lo pelo orgulho da sua missão; Deus salvou-o, espalhando a morte á sua volta e derramando o seu sangue. Só o Homem é filho de Deus, feito á sua imagem e semelhança; as feras são figurações do horrendo Pecado. Irmãos: Ao Lôbo! Ao Lôbo!

Logo, por tôda a parte, a montaria começou, correndo os vales, subindo os cêrros, devassando bosquêdos e cavernas, varrendo os pinaros nús das montanhas, batendo o terreno palmo a palmo, fôjo a fôjo — certa, implacável, exterminadora...

E não houve mais lôbos na Úmbria!

Se me lembra! Como se fôsse hoje...

AS FESTAS DE VILA FRANCA



A imponência das festas realizadas em Vila Franca de Xira marcou bem o entusiasmo do povo deste laborioso concelho ao apresentar, em alegorias originais e conjuntos animados, a acção dos operários industriais e dos trabalhadores do campo.

Na impossibilidade de podermos descrever com minúcia cada um dos vistosos carros que milhares de trabalhadores realizaram com o mais requintado bom gosto, a página que dedicamos a estes imponentes festejos dará uma ideia da sua grandeza, e, sobretudo, da coesão de tantas pequenas energias que realizaram um verdadeiro prodígio.

A actividade produtiva de todos esses milhares de trabalhadores humildes apareceu ali focada em toda a sua extensão num grandioso quadro, cheio de cor e de sol bendito que doira as searas fazendo amadurecer o pão. Entre o estralejar dos foguetes, a sonoridade das filarmónicas e as canções regionais das moçoilas sádas, sentia-se palpitar uma nova vida plena de encanto, união e ventura.

Portanto, a Festa do Trabalho e do Desporto realizada em Vila Franca deve constituir, além do seu alto significado, um exemplo a seguir por todas as classes trabalhadoras de Portugal.

Desta iniciativa devem surgir inúmeros benefícios, visto que a boa semente lançada em terra própria há de produzir e frutificar.





O Infante Santo tria o remia, chorava porque deixava em Fêz o cadáver do seu amo, do seu senhor, do Santo, emfim.

Separar-se de quem tanto amara em vida como na morte, era para Álvares maior sacrifício do que o próprio cativo. Por um lado, sentia não haver árvore mais frondosa, nem monte mais belo, nem céu mais claro, nem ar mais puro do que a árvore, o monte, a terra, o céu e o ar de Portugal; por outro, a Saúde minava-o, dilacerava-o, e ele queria estar sempre no lugar que tomava como seu pósto, ao lado do cadáver do filho do Mestre de Aviz.

Os vales profundos e os intermináveis desfiladeiros magrebinos passaram a dar-lhe a ideia dum túmulo. As neves do Atlas transmitiam-lhe à alma angustia da sua própria algidez, qual cadáver do infausto D. Fernando, re-

passando-a de desconforto.

Dias e noites passara êle orando, olvidado do mundo exterior, debaixo do arco da porta, onde estava o caixão, tendo visto erguer-se dêle o espectro do Infante e ouvindo uma piedosa mensagem:

— Joham, Joham, não te a tristez; estou feliz no Céu. Diz aos portugueses que devem vir conquistar êste território para a Cristandade...

Outras vezes ouvia:

— Joham, perdoa a êsses impiedosos mouros, que desconhecem o caminho da verdade. Perdoa, como eu lhes perdoei! Tu és o meu discípulo querido...

Mas João Álvares não perdoava, primando até por iniciar sempre assim as suas orações: "Vingua, Senhor, o sangue inoçente... em que pecarom juntamente todo los mouros; nom por inorançia, "mas açiente, e por çerta malicia, em ve-tuperio e ofensa da coroa dos vitoriosos "Reys de Portugal, menospreçando aliança "dos poderosos principes, Rey, e Senho-"res nosos e amygos."

Não perdoaria jamais, embora sentisse que deveria fazer a vontade do Santo.

Abominaria tôdas as honras que lhe dispensassem ao regressar a Portugal, porque a pobreza e a humildade, sempre

Alma de D. Fernando, desprendida do invólucro terrestre, gozava agora a plenitude do celestial império que tanto desejava.

Todos os apóstolos, à excepção de João Rodrigues, seu coação, que haviam ficado em Arzila e por milagre conseguiram salvar-se da peste, receberam em Fêz o baptismo da "virtude cristã", na cela escura, onde D. Fernando habitou os últimos três meses da sua vida de inextinguível martírio.

De todos os companheiros de presídio só um falhara? Não pudera resistir a tão prolongado sacrifício. Fôra o mais fraco.

Induzido por um renegado, também português, preferiu converter-se ao Islamismo, a suportar um tormento deveras sobrehumano. Mesmo assim, não foi como Judas Iscariotes!

João Álvares tornára-se o mais entusiasta dos apóstolos, se bem que todos proclamassem as virtudes do seu senhor, inclusivê o renegado... que o era in partibus infidelium.

No entanto, Álvares entrara e saíra de Marrocos com os olhos rasos de lágrimas. Começava a sofrer o cativo chorando a desgraça de D. Fernando e a sua; agora, na despedida, quando a Pá-

OS GRANDES EXEMPLOS

A paixão e morte do Infante Santo

Uma grande resignação e uma profunda ambição de patriotismo

desejadas por D. Fernando, fariam dêle o seu melhor discípulo. Aquilo que aprendera com o Infante não lhe permitiria usar de grandezas.

De facto, mais tarde, êle abandonou o lugar de tabelião, apesar de D. Afonso V lhe passar carta, onde lhe "quitava a pensão que nos hade pagar porquanto jaz em terra de "mouros" ao serviço "do meo muyto amado tyo". Mas Álvares queria ir mais longe na sua mística resolução, queria ir até o fim, porque sentia, no mais íntimo da sua alma, que era bem o discípulo dilecto do Mestre. Conforme todos os demais cativos deram testemunho, D. Fernando sempre se lhe dirigiu como a um filho estremecido.

À hora da morte chamara-o para pedir-lhe que o beijasse, tendo Álvares deixado correr as suas lágrimas sobre a face do Mártir.

Desde aquele instante, João Álvares sentiu-se como que possuía duma alucinação extraordinária, antevendo-se desacompanhado daquele que lhe servia de arrimo, ao menos pelo socorro das orações que o fazia ascender ao Trono da Graça, já que o rigor do cativo era o separava tantas vezes e por tão longas temporadas.

Cismou no suicídio, mas, penetrando no arcano das verdades da religião, entendeu fazer penitência por se ter sentido réu diante de Deus, réu da culpa de tão satânico pensamento.

Quando o seu resgate entrou em nego-

ciações, por ordem de D. Pedro e por intermédio do mouro saqui Guiznamy, aliviaram-lhe a pena, tirando-lhe os ferros. Por isso podia vir até junto das margens do rio, onde o Santo tantas vezes se banhara, e perto das quais matava saúdes de Portugal, e falava no imaculado nome de Jesus.

De volta, se nas almenaras os muezins clamavam por Mahoma, voltava a cara com desprezo, cerrava os pulsos e dizia: — Perros renegados, estais a chamar pelo Demo... Andai, andai, que eu vos contarei uma história quando conquistarmos tôda esta terra para os cristãos...

Depois, atravessava lentamente a praça, onde os beduínos tinham expostos os mais variados produtos, e, deparando com a porta de Marraquexe, ajoelhava, punha as mãos, e ficava-se rezando pelo Santo.

Os mouros consideravam-no como he-maque — doído — pelo que se furtavam ao contacto com Álvares.

De noite, com espanto geral, pedia para dormir na cova onde o seu senhor falecera. Os bárbaros diziam que o borte-guiz tinha os jenuns no corpo...

Altas horas, se o espreitavam, viam-no de mãos postas, orando num dos ângulos da masmorra, no lugar onde, ocultamente, êle enterrara as relíquias do Infante.

Efectuado o resgate, os reffens lusos voltaram à Pátria, moralmente quasi analgésicos pelo sofrimento atroz de tão duro cativo, todavia sensíveis ainda, mesmo assim, à nostalgia da sua tão querida Pátria. Por essa razão, numa tarde

de Outubro, reüniam-se em Portugal todos os apóstolos sobreviventes do Infante. Choravam. As lágrimas abençoadas que verteram expressavam o mais belo dos sentimentos humanos — a gratidão.

Discutiram qual o modo de tornar mais conhecidas as virtudes de D. Fernando, expandindo-as, exemplificando-as pelas suas próprias vidas vividas longe umas das outras, uma vez que iam separar-se pela força e natureza das próprias missões.

Dos olhos dêstes apóstolos iluminados saía agora um brilho intensíssimo, que parecia pretender incendiar a alma de todos os lusitanos. E êsses homens, cauterizados pelo sofrimento moral e físico das cadeias e da disciplina de tagante, injuriados e escarnecidos, unidos um dia pela mais cruenta desventura, viram-se depois dispersos, mas livres, gozando a vida de homens com direitos civis, sem deixarem jamais de sentir-se irmanados pela desventura que lhes estigmatizou as almas e comprometeu, portanto, as suas energias morais.

Vae Victis!

José de Esaguy.

Assim termina José de Esaguy a sua magnífica obra «A vida do Infante Santo» que, sendo o mais vasto documentário do martírio do estoico filho de D. João I, é também um hino cheio de elevação e grandeza.

Até agora, sobre a vida do Infante D. Fernando que dezenas de eruditos portugueses e estrangeiros têm procurado sondar em tôda a sua dura verdade, não estava dita ainda a última palavra. Quando menos se supunha, surgia um pormenor mais ou menos interessante a desmentir o que um cérebro engenhoso ordira — e voltava-se a cair na dúvida. Apenas uma verdade subsistia: o Infante não fôra resgatado, visto a mourisma exigir em troca a restituição de Ceuta que Portugal considerava a sua mais bela conquista.

Quando á vida que o desventurado D. Fernando arrastou sôb a escravidão que tão resi-

Ceuta — a ambição moresita



O Infante Santo, segundo um quadro quasi completamente deteriorado existente no listão

gnada quão patrioticamente aceitara, relatava-se, aqui e além, um ao outro episódio a deturpar o que já estava dito, e que pouco depois, era também deturpado por um outro mais sonante ao ouvido do nosso povo sempre ingénua e sempre fantasista.

Finalmente, o illustre escritor José de Esaguy, após aturados estudos realizados em Tanger e Fez, conseguiu desvendar tôda a verdade sobre este doloroso ponto da História Pátria — e vem apresentá-la com o mais cativante desassombro.

O Infante Santo aparece tal como a nossa imaginação o sonhava, mas como nunca tinha sido focado ainda em tantos milhares de páginas sobre este assunto. Portanto, o novo livro de José de Esaguy, além de nos deliciar o espirito, veio provar mais uma vez de quanto é capaz o engenho que urdiu a epopeia marroquina.



No castreiro de Fez





O encanto feminino, sendo eterno e imutável na sua essência, evoluciona através dos tempos, numa ânsia sempre crescente de atingir a suprema perfeição. Com o seu constante desejo de agradar, a mulher aproveita a sua estética que se adapta a todos os matizes, e consegue sempre alguma coisa de inédito.

Rodaram os séculos que nos deixaram a recordação imperecível de tantas damas retratadas por pintores de gênio, desde Apelles a Leonardo de Vinci, desde Ticiano a Reynolds.

Já contemplaram essa galeria vastíssima constituída por dezenas de museus que, a nossa imaginação liga numa esteira luminosa?

A graça da Venus Anadyomena nada perdeu com as roupagens de que Leonardo de Vinci a revestiu, séculos depois, ao retratar a sua querida Gioconda, nem a Lucrecia Borgia, aureolada nas rendas vaporosas de que o enfeitado Ticiano



a arrebicou, pode parecer ridícula ante a majestade da duquesa de Devonshire que Reynolds fixou numa das suas telas magistrais.

Houve tempo em que as boas carnes constituíam beleza, e, assim, os quadros de Rubens exaltavam o encanto das suas retratadas.

Depois, surgiu a estilização de formas, e a mulher, sempre engenhosa, reduziu ao mínimo as suas carnes, tomando a flexibilidade irrequieta duma lavandisca. Deixou de oprimir os pés com os sapatinhos de dimensão chinesa e taçoes de incompreensível altura. Pôz de parte o espartilho e regressou à Natureza, adaptando-a a si, consoante o seu capricho.



A WVA!

Eis a Majestade ninguém destrona, e domina sobre os seus séculos que a adoram cada vez mais

A tentadora Eva, depois de fazer pecar o homem, em cada um dos seus avatares infinitos, toma neste momento o aspecto duma banhista original que nos atrai e engana como no memorável dia do Pecado original.

Sedutora como a Salomé, impenetrável como a Estíngie, pérfida como a Circe, mostra bem que o dobrar dos séculos não lhe fez esquecer a lição que a maliciosa serpente lhe ensinou.

E tenta-nos sempre cada vez mais — e com mais elevado engenho.

Nos tempos do império romano, Sabina Popea, esposa de Nero, levava o seu requinte a banhar-se diariamente com leite que quinhentas jumentas lhe forneciam.

Em pleno século XIV, as elegantes italianas sentiram uma certa repugnância em tomar os banhos de lodo que o douto Giacomo de Dondis engendrara como medida salutar. Mas logo que se constou que a imersão em lama fazia realçar a beleza, as damas correram a esses balneários a mergulhar-se durante o prazo que se lhes indicava, e que podia atingir cinco horas. Depois, com um banho quente, tudo voltava à normalidade.

Isabel da Baviera, na ânsia de se tornar sedutora, quis seguir o sistema da mulher de Nero, banhando-se em leite de jumenta. Mas, ou porque lhe desagradasse o líquido, ou porque não colhesse os resultados que desejava, passou a banhar-se em água de rosas, misturando-lhe previamente suco de melão, extrato de cevada verde e um preparado de amêndoas e claras de ovo.

Durante o século XVII estiveram muito em voga os banhos de vinho. As damas da corte francesa seguiam à risca os conselhos do inventor destes banhos — algum vinicultor — que aconselhava uma imersão diária com a duração de vinte minutos.

A desventurada Maria Antonieta usava outra fórmula que sua mãe lhe recomendara como eficaz: o seu banho era constituído por um cosimento de folhas de loureiro, tomilhos e orégãos a que misturava uma mancheira de sal comum.

Por sua vez, a celebrada Madame Tallien preparava o seu banho com água perfumada, a que misturava oito quilos de morangos e um de framboesas, e com isto conseguia — segundo ela própria afir-



mou — ter a pele macia como veludo. Sarah Bernhardt banhava-se em champagne, receita que muitas damas ainda hoje adotam com a mais profunda convicção.

Tudo isto, e muito mais, se fez, faz e fará para maior realce da beleza feminina, cujo império grandioso nenhuma força humana conseguirá desmoronar.

A originalidade feminina não pára nunca. Numa praia californiana acaba de aparecer uma gentil banhista, ostentando um reduzido fato de banho em que aparecem estampados os quatro meses da estação calmosa. Por sua vez a atriz cinematográfica Betty Furness apresenta um traje constituído pelos títulos dos maiores jornais do Mundo, conseguindo assim, como se calcula, uma publicidade formidável.

E, neste crescendo de originalidade, a mulher conquista, palmo a palmo, os seus triunfos, ora mostrando-se na semi-nudez seus encantos, ora envolvendo-se num



delicioso mistério que cada olhar cubidoso interpreta consoante a sua sensibilidade.

Há dias, no Estoril, alguém, desejando deixar uma amabilidade no leque duma gentil banhista, escreveu-lhe esta quadra:

Metidas em amplos pijamas, mostram apenas o rosto como conceito de enigma que poucos conseguirão decifrar.

Aproveitando as praias, podem deliciar-se nos *bars* elegantes a saporizar carpinhadas que lhes suavizam a calma, enquanto, numa requintada maldade, incendeiam com olhares provocantes o coração de quem as observa.

De repente, aparecem de pijamas à maruja — outra originalidade interessante! — e lá vão à procura de peixe grosso, com



todos os atributos necessários à pesca. E fazem sempre boa colheita. Dir-se-ia que os peixes, deslumbrados pela beleza que os atrai, não querendo ficar atrás dos homens, deixam-se prender pelo beicinho.

A mulher vê tudo isto, e vai seguindo sempre a evolução dos tempos.

Actualmente, vêmo-la como nas fabulosas eras olímpicas, regressando à Natureza, donde, durante tantos séculos, andara arreída. E, embora sedutora como Afrodita, nem por isso deixou de ser tão casta como Diana.

Há dias, no Estoril, alguém, desejando deixar uma amabilidade no leque duma gentil banhista, escreveu-lhe esta quadra:

Anjo da éctrea mansão
As asas tirou-las Deus,
Prevendo a tua evasão
Da sua corte dos Ceus

Ora, se não enrouparam os anjos que voitam em roda do trono do Eterno, não pretendam profundar a beleza feminina que, sendo eterna, é também intangível.



«A sala do Santo Cristo»

QUEM há cinquenta anos se interessasse pelo desenvolvimento da nossa Academia de Pintura, não deixaria de reparar num rapazito travoso, de olhar vivo e ardente que, apesar da estovancice própria da idade, merecia a simpatia de todos os professores das Belas Artes.

Em boa verdade, o pequeno David tinha fogo suadado. A firmeza do seu traço agradava tanto aos mestres, que o apontavam como exemplo aos seus condiscipulos.

Após o seu curso de Belas Artes, arrojou por mais vastos horizontes, e abriu de as asas da sua ambição aventureira, foi direito a esse Paris glorioso que o atraía. «A semelhança duma mariposa deslambreada pelo fulgor duma grande chama, evocou no seio da Cidade-Luz, mas sem queimar as asas, como geralmente acontece.

Nesses tempos, o *Salon*, sendo uma espécie de porta infernal sobre a qual se destacava o latido *Lasciati ogni speranza, o voi ch'entrati* era também uma coisa muito semelhante ao *Abre-te, Sítamo!* da famosa gruta dos salteadores. Estas palavras mágicas só poderiam ser proferidas só a influência de altos empenhos ou então pelo dinheiro, que foi e há-de ser sempre o dominador do Universo.

Um porteiro do *Salon* podia muito recalcadamente fazer as vezes do Santo Claviculário do Céu. Para isso, bastava collocar no quadro que lhe fosse reconhecida o convencional *placet* que servia de indicação ao jurí. Entre tantos milhares de telas que se desfilavam rapidamente diante da comissão de peritos, bastava já descorrer-se o *placet* fora collocado ao canto da moldura por empurro de altíssimas esquadras que seria conveniente não desgotar, se por um porteiro que, em troca dumas centenas de

direito de voto, se pelas mãos lhe tinham passado, durante os longos anos de ser-



David de Melo

vício, um número incalculável de telas? Era interessante ver como o jurí se pronunciava ante o desfile dos quadros. Contidos por um longo cordão vermelho, aquelas duas dúzias de julgadores severos erguiam ao ar as suas bengalinas em sinal de aprovação, sinal que o venerando porteiro, imponente nas suas barbas patriarchaes, lazia comover com a serenidade dum juiz presidente.

Bons tempos esses

frances, não-livra a dívida em fazer aquêlle jeito.

Coisas dêsse delicioso Paris do alvorrer do século XXI!

Mas, se pensarmos bem, não era por isto que vinha o mal ao mundo. A admisso ao *Salon* poderia valorizar a tela, mas não a melhoraria, em caso algum, na sua composição. E, de- pois, porque havia de ser recusado ao porteiro do *Salon* o

ENTRE O PINCELE E O TELESCÓPIO

O pintor David de Melo e sua paixão pela astronomia

Das alvas rês dos velhinhos a fulva cabelreira dos cometas

do Paris de há trinta e tantos anos! Ao nosso orgulho de portugueses resta a consolação de que os nossos artistas souberam sempre conquistar os seus triunfos pelos próprios méritos. Também que altas influências poderiam mover nessa época, se o seu pai se encontrava quasi ignorado do grande meio parisiense?

Quanto a pedir a tal protecção do porteiro, quem poderia acalentar semelhante utopia, se os meios pecuniários de que dispunham mal davam para a sua subsistência mais que económica no Bairro Latino?

Ditosos tempos estes!

Entretanto, o nosso David de Melo, na pujança exuberante dos seus vinte e oito anos, lá recebendo as lições do seu mestre, o grande Jean Paul Laurens, cuja fama corria mundo, graças a tantas obras primas com que tinha enriquecido os mais célebres museus, e que, em face do seu famoso quadro «S. Francisco de Borja, diante do fêrreo de Isabel de Portugal», conquistara definitivamente a categoria de primeiro entre os primeiros pintores de assuntos históricos.

Os conselhos do mestre encontravam eco na sensibilidade do discípulo.

E assim, surgiu a magnifica tela «Na missa da Notre Dame», a primeira que David de Melo apresentava em Paris, e que, só por si, bastaria para celearizar um artista.

As expressões daqueles três velhos relatam, numa síntese admirável, toda a longa extensão de três vidas acabrunha-



O jurí do Salon de 1851 discute nos grandes telões

das, mas sempre nimbadas duma réstrea de idé, último reduto de todos os desamparados.

Enquanto uma das velhas, de face enghedada pelo sofrimento, aguarda a protecção divina que lhe minorará a sorte dura, a outra concentra-se numa prece fervorosa, elevando a sua alma até o céu, para melhor ser ouvida.

O velhinho de grandes barbas ergue o seu olhar cansado, como que vislumbrando a aproximação da Divina Graça que parece inundar-lhe a fronte austera, num compassivo osculo de luz.

Quem melhor poderia traduzir o grande poder da Fé? Ao contemplar êste quadro de David de Melo, recordamos os deliciosos versos de Junqueiro:

*O velho adrião, evocado de fadiga,
Que andava de sol a sol, na terra o naufragio,
Rebaba as de suas alma a voz da cruz estagio,
Seria como quem rebabasse a uma merdija
As três actas que lêo o noute para o lar?*

A «Missa da Notre Dame, seguram-se outras obras de autêntico merecimento. E que vida o artista levou na Cidade-Luz, lido por compatriota o saudoso Constantino Fernandes, outro artista de génio, cuja perda ainda hoje é chorada por milhares de amigos e admiradores!

Calcula-se o que seria o viver dêsse dois rapazes cheios de mocidade e talento, perfeitamente á rêdea sola nessa vida boémia que Henri Murger tão magistralmente focou... porque a viveu!

David de Melo e Constantino Fernandes, logo que chegaram a Paris, não se esqueceram de arranjar atelier, visto que Teixeira Lopes, em vésperas de regressar a Portugal, lhes cedera gentilmente o seu. E então que atelier! O insigne escultor deixara ficar tudo como estava, num generoso tributo à pátria, pois que de portugueses se tratava. Partia, portanto, deixando sinceramente aos novos ocupantes daquele artistico recanto os mesmos triunfos que êle conseguira alcançar.

E cada um dos artistas, no maior rasgo de gratidão ao seu alcance, trabalhou sinceramente para que o generoso voto do grande escultor se cumprisse, tanto quanto possível.



«Na missa da Notre Dame»

«Regressando a Portugal, David de Melo continuou a trabalhar, mas apenas por amor à arte, produzindo algumas telas magnificas como «A sopa da Santa Casa», «A prece», o «Pinguinhas», e mais algumas que o bom gosto do Brasil nos arrebatou para si.

Depois, o artista voltou a sua paleta mágica, — em que raras vezes pegava raras matas situações — e dedicou-se de corpo e alma a estudar os astros, para o que possuía um bem montado observatório com telescópio e instrumentos de cálculo.

Esta tendência de David de Melo evocou-nos a máguia interestar que Alexandre

Magno manifestou após uma das suas mais rebrumbantes vitóriaas.

— Porque te lamentas — preguntou-lhe um dos seus generalis — quando alcançaste um tão grande triunfo?

— E que lá em cima — respondeu o herói, elevando o olhar para o céu estrelado — há tantos mundos a conquistar, enquanto eu luto desesperadamente para conquistar êste em que vivemos!

Será que a sua alma de artista, cansada das misérias humanas, preferia a convivência com os astros que o inspiram? Será como frei, David de Melo, deve descer mais amfudadamente das regiões etéreas em que traz entredito o seu espirito, e vir até nós outo, apesar de mortais rasteiros, ainda conservamos um certo culto por tudo o que é belo, e representa a verdadeira arte.

Que o encantam as maravilhas do céu, a ponto de tentar sondar os mistérios da Luz gelada, nada mais natural e digno até de franco aplauso, mas não tão afinadamente que o levem a trocar os seus piniceis pelas rotações da Ursa Maior.

Que o atraía a volubidade da graciosa Vénus, bem está. Sendo êste planeta tão caprichoso como algumas mulheres que procuram embelezar-se, David de Melo talvez procure desenvolver essa espécie de púbuo que o Sol manifesta, iluminando-a com a sua magnificência de aqui-milhoário da Luz. Mas, daí a esquecer-se inteiramente da outra Vénus que ansiosamente o espera no seu pedestal do Louvre, que não está certo.



«A prece»

UMA excursão de americanos visitava o castelo de Blois em França, ouvindo atentamente as informações do cicerone que, calculando boa gorgêta, se esforçava por explicar minuciosamente os mais pequenos pormenores.

— Nesta sala — informava êle — o rei Francisco I comeu meia dúzia de coelhos, tal era a fome que trazia do seu regresso duma caçada.

— Não há nisso nada de extraordinário — resmungava um dos turistas.

— Façam favor de subir. Temos mais e melhor.

E, entrando noutra dependência, afirmou:

— Nesta sala, o duque de Guise foi assassinado em 1588, por ordem do rei Henrique III. Tinham-no prevenido da sorte que o esperava, mas o duque, encolhendo os ombros, respondeu: "Não chegará a tanto a sua ousadia!" O rei é que, apesar de tudo, o mandou matar... Todos os móveis são da época.

Aqui, junto da janela, pode vêr-se ainda uma pequena nódoa no sobrado que, segundo a tradição, são restos do sangue do duque de Guise... Sigam-me, meus senhores!

Neste momento, um francês que se tinha agregado aos turistas, aproximou-se discretamente do intérprete e disse-lhe em voz baixa:

Ela: *Morreu hoje um dos meus numerosos apaixonados. Será disparate dizer: Mais um a menos?*
Um deles: *— Dizel antes que amais menos um.*

de Blois, e lembro-me perfeitamente de que a sala, onde me mostraram a nódoa de sangue proveniente do assassinio do duque de Guise, era noutro pavimento.

Sem se desmanchar, o guia respondeu:

— Tenha paciência!... Êste ano, a sala a que o senhor se refere está em obras...

Numa aula de história natural, o professor pergunta a um dos alunos:

— Os animais possuem realmente o sentimento da afeição?

— Suponho que todos. Pelo menos, quasi todos.

— E qual é o animal que sente menos afeição pelo homem?

— A mulher — respondeu o estudante, entre dois suspiros.

Seguindo em passeio, dois individuos que tinham enriquecido à custa de trafi-



cância, viram um rapazito roubar o chapéu a um pobre diabo que dormia num banco de jardim.

— Veja aquêlo desafôro! — roubar o chapéu ao desgraçado!

— Deixe lá, meu amigo. Lembre-se de que todos nós começamos por pouco.

Um pobre homem, cuja vida de casado constituiu sempre um verdadeiro martírio, vai acompanhar ao cemitério o cadáver de sua mulher. Como durante o trajecto se mostrasse muito satisfeito, um amigo segreda-lhe:

— Pelo que se vê, vais muito contente!

— Se te parece! replica o outro — é esta a primeira vez que saio com minha mulher, e que ela não arma uma questão comigo pelo caminho!

Numa reunião em casa duma titular, veio à discussão o verdadeiro significado dos anéis que os noivos permutam como símbolo duma eterna aliança.

Cada um dos presentes deu a resposta consoante a sua resposta pessoal.

— Porque êsse anel — respondeu uma jovem viuva romântica — é sem fim como o amor.

— Porque é unido e uniforme — sentenciou um velho casado.

— Porque é mais fácil de meter no dêdo do que de tirar — suspirou uma senhora casada ansiosa pelo divórcio.

No tribunal, o juiz interrogou o réu: — Confessa então que fabricava moeda falsa?

— Que remédio, sr. juiz! Se há tanta gente que faz monopólio da verdadeira!...

Um petiz, não compreendendo o verdadeiro significado do Padre Nosso que pretendiam ensinar-lhe, pergunta ao pai:

— Porque é que se pede o pão para cada dia, e não se pede logo para um mês?

— E' para termos pão mole, meu pateta — respondeu o pai que não parecia mais adiantado no verdadeiro sentido da oração.

Um polícia, sentindo-se apaixonado por uma rapariga sua vizinha, dirigiu-lhe vários galanteios e a promessa de casamento. Como ela resistisse, prendeu-a.

Quando lhe perguntaram o motivo da captura, respondeu com a maior convicção:

— Prendia-a e está muito bem presa. Resistiu à autoridade.

Um caloteiro, ao passar por um creedor que não pôde evitar, tentou disfarçar a sua atrapalhação, perguntando-lhe que horas eram.

— São horas de pagar o que me deve! — respondeu o outro, de mau semblante.

— Não se guie por êsse relógio que se adianta muito — replicou o caloteiro sem se desconcertar.

Numa aula:

O professor: *Que forma tem a Terra?*

Um aluno: *É redonda.*

O professor: *Como sabe que é redonda?*

O aluno: *Nesse caso é quadrada. A minha mãe disse-me que não queria que eu tivesse discussões.*

Durante a última campanha eleitoral em França alguém sugeriu que se apresentasse como candidato aquele *gendarme* de longas barbas que faz serviço na Porte Saint-Denis e que a França inteira conhece:

“O senhor é uma das pessoas mais populares de Paris — diziam-lhe — e com certeza que será eleito.”

Ao que o conhecido *gendarme* respondia cheio de dignidade.

— Mas, meus senhores, por quem me tomam? Eu sou um homem sério e pai de família.

— Estou farta de lhe fazer sentir que não gosto de si. Porque insiste nas suas tolas declarações de amor?

— Então se não gosta de mim porque tem aceitado e comido tantas caixas de bombons que lhe tenho oferecido?

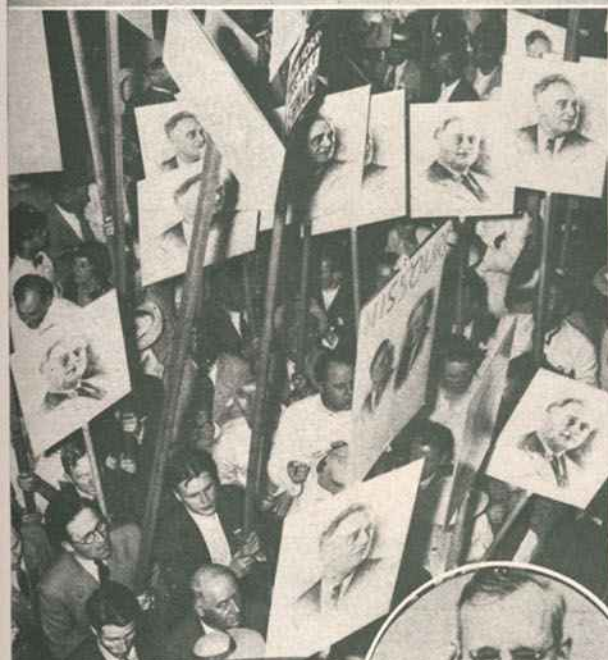
— É muito simples: porque gosto de bombons...



— Meu marido comprou um aparelho de telefonia.
— Com ou sem antena?
— Custou três contos... Havia de ser sem antena?

ACTUALIDADES
ESTRANGEIRAS

O rei Eduardo VIII de Inglaterra saindo do Palácio de Buckingham para a entrega das bandeiras aos guardas reais. — *A' esquerda*: o soberano, iudeado pelos seus irmãos, duque de York, duque de Gloucester, assistindo ao desfile da parada.



O ex-rei de Sião e sua esposa assiste em Henley à regata anual — *A' esquerda*: Na Filadelfia, os partidários de Roosevelt hasteiam festivamente o seu retrato em marcha de propaganda para a próxima eleição presidencial. — *Em baixo*: Ante uma multidão de 100 mil pessoas, o presidente Roosevelt cumprimenta aparatosamente o vice-presidente John Nance Garner — O pintor Jacob H. Pers-kie executando o cartaz de Roosevelt para a eleição presidencial. — *No medalhão*: Alfred Landon, que disputa a candidatura a Roosevelt





Em face da XI Olimpíada que vai começar na capital alemã

A Grécia, pátria do olimpismo, foi escolhida para organizar em 1896 os primeiros Jogos Olímpicos, edificando-se para tal um Estádio em Atenas. Inaugurado em 25 de Março daquele ano, o Estádio tinha a forma curiosa de uma ferradura, sendo inteiramente construído em mármore branco. A cerimônia de abertura, à qual assistiram 60.000 espectadores, foi presidida pelo príncipe herdeiro Jorge, um dos mais entusiásticos colaboradores do barão de Coubertin, na iniciativa da ressurreição dos Jogos Olímpicos. A gravura à esquerda representa o Estádio que, há quarenta anos, em pleno coração da divina Hellade, fez rememorar a beleza de há muitos séculos.

Os Estados Unidos deslocam a Berlim a mais formidável equipa de atletismo de que há memória. Um dos elementos mais em destaque é o negro Jess Owens, campeão de velocidade e extraordinário saltador em comprimento, prova onde é detentor do record do mundo com um pulo assombroso de 8^m,13.

É curioso notar a modificação sofrida pelo espírito americano que, apesar de todos os pruridos de racismo, inclui na falange dos seus seleccionados uma percentagem avultada de negros, que nas competições atléticas de apuramento se mostraram de longe os melhores. Além de Owens, irão a Berlim dois saltadores em altura, ambos de cor que recentemente bateram o record mundial transpondo formidavelmente 2^m,07.



O Estádio de Berlim, cuja entrada monumental reproduzimos na esquerda, foi construído especialmente para os Jogos da XI Olimpíada, e fica sendo a mais importante arena desportiva existente na Europa. Com os seus 100.000 lugares espalhados pelas altas tribunas circundantes, o Estádio vai certamente servir de cenário a formidáveis proezas atléticas, como nunca foram vistas no mundo. O majestoso edificio mede 305 metros de comprimento por 230 metros de largura, apresentando a forma dum oval. A altura exterior é de 17 metros acima do solo, mas o terreno de jogos fica escavado 12^m,5, de maneira que os espectadores instalados no cimo da bancada dominam o campo duma altura de 28^m,5. As bancadas estão divididas horizontalmente em duas partes por uma galeria coberta que circunda o edificio. Acima desta galeria encontram-se 31 filas e em baixo 40.

A luta greco-romana é um dos mais antigos desportos, figurando já no programa dos Jogos Olímpicos da Grécia pagã. As regras que actualmente regem esta modalidade, inspiradas nos preceitos clássicos são contudo mais severas na determinação dos golpes permitidos, por forma a afastar tôdas as intervenções perigosas para os combatentes que devem ser leais.



A cidade californiana de Los Angeles foi escolhida para sede dos jogos de 1932, construindo para tal fim um estádio de cem mil lugares, onde nem um posto ficou vago nos dias das provas mais emocionantes. Apesar das dificuldades financeiras de tão extensa deslocação, 40 nações enviaram representantes aos jogos de Los Angeles, e entre elas contava-se Portugal que, lutando embora contra todos os entraves provenientes dum desinteresse oficial, tem caprichado em cumprir sempre os seus compromissos olímpicos. Desta vez, em face da XI Olimpíada, Portugal saberá fazer realçar mais uma vez as inconfundíveis qualidades da sua raça.



O Japão, pretendente aos Jogos de 1940, é talvez a nação que maior esforço desportivo tem despendido para atingir o primeiro plano nas competições olímpicas. Os nadadores nipônicos são os melhores do mundo, tendo conseguido bater, em Los Angeles, os próprios americanos. Em atletismo, mercê das qualidades de agilidade e resistência que são características da sua raça, também os japoneses alcançaram triunfos notáveis, sendo campeões do triplô-salto e dos melhores na Maratona.

Pela primeira vez enviam os japoneses a uma competição olímpica um grupo de lutadores, dos quais se espera com interesse o comportamento pois foram sejeitos no seu país a um treino severo e original, fora das normas habituais da especialidade. É conhecida a tenacidade japonesa.



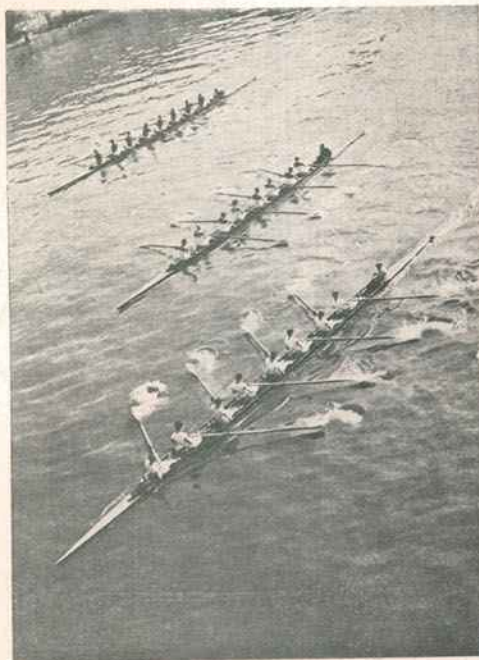
A beleza espectacular das competições de remo, fez destas provas um dos grandes atractivos dos jogos de Berlim. Nas margens da ribeira de Grinâu, onde se disputam as regatas olímpicas num percurso de quatro quilómetros, foram construídas grandes tribunas que, apesar da sua amplitude, vão ser insuficientes para conter os milhões de pessoas que pretendem ocupar um lugar. De tôdas as corridas que figuram no programa, aquela em que lutam os barcos com tripulações de oito remadores são as mais emocionantes. Os americanos tem sido sempre os triunfadores desta prova, parecendo que desta vez ainda lhes não escapará a vitória. Seja, porém qual for o resultado, podemos desde já prever para as provas de remo um dos maiores êxitos dos Jogos Olímpicos de Berlim. Ressalta também a beleza do cenário.



Em pleno céu, parecendo desafiar as leis da gravidade, o corpo flectido num arco regular de impressionante beleza estética, este atleta, que parece voar, é um especialista de saltos para a água nos seus exercícios desportivos.

A fotografia colheu uma imagem precisa da trajectória.

Vai cair na água, não como um fardo desiludido e pesado, de asas partidas, mas como um triunfador que, na sua impressionante descida, consegue atingir a mais bela das ascensões ao pedestal da vitória.



Na vida humana nada é seguro, e ninguém pode estar tranquilo na situação que tem, e, quanto mais elevada é essa situação, maior pode ser a queda. Ninguém se deve orgulhar do seu nascimento, nem da sua situação, amanhã pode estar-se piór que a mais miserável das criaturas.

O acaso das combinações, fez-me fazer na minha última estada em Paris, duas visitas, em dias sucessivos, que me fizeram meditar e pensar na instabilidade da vida neste mundo e da sua falta de segurança.

A primeira visita foi a Versailles, essa maravilha, que a fantasia grandiosa de Luiz XIV, o Rei-Sol, criou e desenvolveu em magnificência, visita, que se repete vezes sem conto, com verdadeiro interesse, porque as obras de arte, como a música são para ser vistas, e ouvida inúmeras vezes e de cada vez agradam mais.

Mas se Luiz XIV e Luiz XV deram a Versailles a maior magnificência e o maior brilho, não sei porquê, a figura que mais evocamos ao fazer essa visita é a de Maria Antonieta, a última rainha que ali viveu. Essa rainha que criança ainda saiu da cõrte austera e grave de sua mãe, a imperatriz Maria Tereza, modêlo de soberana, de mãe e de católica, e caiu sem experiência e cheia de ilusões, radiante de beleza, na cõrte luxuosa e dissoluta do velho rei Luiz XV exemplo de desmoralização e de libertinagem.

Para o espírito da joven princeza um pouco frívolo e entusiasta do belo, o meio não podia ser piór, nem mais propício a desenvolver as suas tendencias para o luxo e para o desperdício, pois foi este o seu maior defeito.

Porque tudo o que nessa época se disse sobre a sua honestidade de mulher, está hoje provado serem falsas acusações, a que o seu espírito frívolo e o seu entusiasmo nas amizades e afetos dava um certo relevo, e que não passavam de invenções infames dos inimigos do trono. Maria Antonieta foi a vítima, não diremos inocente, porque dos seus desperdícios veio muito mal para o povo, mas quasi inconsciente dos erros e dos crimes dos reis e rainhas das cõrtes que a precederam no trono que S. Luiz tinha santificado.

Ao visitar Versailles, temos a impressão de reviver a época de Maria Antonieta, sente-se no palácio flutuar a alma dessa linda mulher, que apenas cometeu o crime de ser fútil, crime que tanta mulher comete e que não expia, como ela o expiou.

Essa rapariga simples que chegou de Viena habituada a uma vida patriarcal, que quando entrou na cõrte de França sentiu horror pela vida que ali se fazia, não querendo receber as amantes do avô de seu marido, que por todos eram recebidas, tentou na vida simples do petit Trianon, vida que seu marido o bom Luiz XVI tanto apreciavam modificar os costumes, mas a sua alma era fraca para reformadora e foi ela a arrastada no turbilhão do luxo e do prazer onde a sua beleza radiosa brilhava como uma resplandecente estrela.

Os seus retratos atestam em Versailles o que era o seu encanto e a sua distinção; sobretudo no admirável retrato que dela fez Madame Vigée le Brun, o pintora que melhor exprimiu o seu encanto, rodeada de seus filhos, o pequenino

hoje enfeitam com flores, que essa mulher sofreu quatro longos anos, de humilhações e martírio, vívidos dia a dia, hora a hora.

Nesses quatro anos a sua beleza murchou e aos 36 anos ela era essa linda velha que Prieur admiravelmente retratou, pondo nos seus olhos toda a amargurada resignação da sua alma.

Dessa alma que a desgraça revelou, porque essa mulher que no fausto e na grandeza, se mostrou frívola e fútil, que no meio da intriga da cõrte não soube destrinçar os seus verdadeiros amigos dos aduladores falsos, que sacrificava o bem do povo que Deus lhe dera para conduzir, ás suas amizades de momento, foi na desgraça dum sublime resignação e teve a maior dignidade, no sofrimento.

Maria Antonieta é um dos maiores exemplos, de que a semente dumã sã e bõa educação fica sempre no fundo das almas, ainda daquelas que aos nossos olhos parecem superficiais e fúteis.

A filha de Maria Tereza, se não soube ser a imitadora de sua mãe, quando reinava e quando influiu na fraca vontade de seu marido, mostrou na hora da desgraça e que horrível desgraça, que era bem a filha dessa mulher superior e que o seu exemplo não fõra infrutífero.

A filha de Maria Tereza, a grande imperatriz cristã, sofreu como uma cristã. Voltou os seus olhos para Deus que permitia que ela, filha de reis, sofresse como Cristo, Filho de Deus, grandes tormentas no mundo maus homens. A sua dignidade no sofrimento resgata completamente a sua frivolidade nos anos de grandeza e Deus sabia, ao experimentá-la, que a elevava para a posteridade, fazendo nascer em todos os peitos uma terna aflicção, e, em todos os espíritos uma grande admiração por essa alma de mulher.

A energia de sua mãe renasceu na filha, na hora de martírio, durante quatro anos animou seu marido, foi então que ela compreendeu o que elle sabia e como era grande o seu coração e valioso a sua alma, com suprema resignação animava os seus filhos e aceitava com ternura o afecto da princeza Isabel sua cunhada, essa santa que acompanhava todos os seus nesse martírio tão longo.

E depois de ver morrer os que a tinham servido tão dedicadamente, de ver matar o seu marido, de se ver enlameada pelas mais infames acusações, ela subiu ao cadafalso, com a majestade de rainha, subiu os degraus do patíbulo com uma dignidade e uma coragem, que só de joelhos, se pode admirar, porque era uma mãe que deixava os seus filhos entregues aos seus maiores inimigos!

E qual era a sua inquietação por eles, demonstra-o a sua última carta para a princesa Isabel, mas essa inquietação não a impediu de dar ao mundo o espectáculo, dumã morte, que só uma augusta rainha podia ter, e uma resignação, que só uma cristã pode demonstrar.

Manifestou duas qualidades: a dignidade que eleva e a fé que ampara e torna heróicos os que a possuem.

Maria de Eça.

MARIA ANTONIETA DE VERSAILLES À CONCIERGERIE

que teve a felicidade de morrer e os dois que, vítimas da revolução, sofreram martírios e foram o maior espinho da alma da desditosa quando subiu ao cadafalso. O esplendor da sua vida ce-



Maria Antonieta e seus filhos

gava-a para a realidade que a rodeava, e o seu desmesurado orgulho fazia-a sentir-se intangível.

E como esse orgulho foi esmagado, despedaçado pela desgraça demonstra-o uma simples visita à Conciergerie, a esse quarto, a essa húmida toca, que confrange a alma, e que ainda hoje atesta o sofrimento atrás daquela que foi uma das mais aduladas rainhas do mundo.

Depois das galerias dos salões majestosos de Versailles, das rendas e dos veludos, um lóbrego e estreito quarto húmido e escuro com uma feia janela de grades, em frente dumã negra parede, único horizonte, que parecia desde logo dizer-lhe que a vida estava terminada.

E é nesse cárcere horrível em que a piedade humana poz uma lápide e almas piedosas ainda

A ARTE DA BELEZA



Ovídio, tendo escrito a deliciosa "Arte de amar", não se esqueceu da arte do toucador, inspirando-se talvez nas suas "Metamorfoses". Escreveu um belo poema, que intitulou "Os Cosméticos", e tinha por assunto os polvilhos, perfumarias e outros ingredientes de *toilette* com que as damas se olvidavam para aumentar os encantos que enfeitavam, como enfeitam ainda, os homens escravizados à sua vontade.

Surgiram os médicos, ponderados e severos, a declarar que quasi todos esses ingredientes aplicados para conservação das qualidades da pele, continham substâncias venenosas, visto serem confeccionados por perfumistas e não por farmacêuticos. Eram prejudiciais, portanto, visto que, obstruindo os orifícios da pele, impediam que a respiração cutânea se fizesse. Acrescentavam que as essências com que eram combinados resultavam igualmente prejudiciais, pois causavam alteração do olfato, excitavam os fenômenos nervosos, e, no fim de contas, nada concorriam para a conservação da

A atriz cinematográfica Elisabeth Allan não teve a menor hesitação em sujeitar-se às experiências do mestre Dawn que, por meio de tintas especiais, se dispôs a transformá-la por completo.

Ficará mais bela ainda?

Sabe-se que Dawn pode mudar completamente, no curto praso de uma hora, o tipo de qualquer pessoa — e isso basta para que a vedeta, sempre insatisfeita, deseje transfigurar-se num verdadeiro de beleza.

Pelo visto, as operações de Jack Dawn não são dolorosas... mas que o fossem? Não haveria mulher que, para tornar-se mais bela, hesitasse em sujeitar-se às piores torturas.

Há tempos, a escritora Maryse Choisy levou o seu capricho a mandar cortar os seios. No seu livro "Un mois chez les hommes", descreve essa operação bizarra e acaba por dizer com uma ingenuidade encantadora:

"Para fazer a minha viagem ao Monte Athos tive de cortar rentes os meus cabelos. Quando os vi cair aos golpes da tesoura do meu cabeleireiro, tive mais pena deles do que dos meus seios!"

É assim essa mulher caprichosa — e tôdas as mulheres são mais ou menos assim.

No dia em que fizessem crer a qualquer mulher que, para ficar mais bela, deveria cortar os braços, a Vénus de Milo passaria a ter mais uma perigosa concorrente.

Se para dar viço à pele é necessário pôr uma máscara de lama ou de qualquer substância repugnante, para que vacilar?

A arte da beleza foi de todos os tempos — e há-de continuar na sua marcha triunfal enquanto o mundo fôr mundo.



A arte de embelezar o rosto vem de há tantos séculos que seria difícil fixar-lhe a verdadeira origem.

O célebre médico Criton, que teve a honra de velar pela saúde do imperador Trajano, deixou escrito o famoso "Tratado dos Cosméticos", que ficou traduzido em grego, latim e egípcio. Este livro estava dividido, segundo a afirmação de Galêno, em quatro partes que compendiam os ensinamentos de Arquígenes, da rainha Cléopatra e de Heráclides de Tarento. A primeira parte tratava dos cabelos e da pele; a segunda, dos banhos e perfumes a adoptar; e a terceira e a quarta, das alterações e doenças que prejudicavam a beleza. Não pensem, portanto as elegantes de hoje que a arte de enfeitar o rosto é pouco menos moderna do que elas próprias. Isto foi de todos os tempos.

Segundo Juvenal, Roma tinha nos seus ginásios e balneários um grupo seleccionado de escravas encarregadas da *toilette* das matronas, e que, por isso mesmo, se chamavam *cosmétricas* ou *ornatrices*. Havia as *depiladoras* que tiravam os cabelos, as *cinoflones* que pintavam e frisavam os cabelos, as *picatrices* que o limpavam, as *psecasias* que tratavam das essências, as *dropecistas* que tratavam das mãos e dos pés, as *catoptrices* que seguravam os espelhos, as *apreciadoras* que dirigiam a operação, e as *lorarias* que distribuíam as chicotadas que o capricho da matrona mandava dar à escrava que a arrepelasse ou se enganasse em qualquer das funções a seu cargo.

beleza. Receitavam, então, vários ácidos, adstringentes, bálsamos, resinas, etc., salientando que tais ingredientes não deviam ficar muito tempo em contacto com a pele. A sua acção poderia ser tónica, embora momentânea.

Êstes médicos passaram com os seus doutos conselhos, como passaram também as tradicionais botas de elástico. Hoje, em dia, são os mais distintos farmacêuticos que apresentam os mais extraordinários produtos de beleza que um sábio engendrou no mistério impenetrável do seu laboratório.

E, como se não bastasse, aparece agora o escritor Jack Dawn, encarregado da secção de maquilhagem dos estúdios da Metro Goldwin Mayer, em que têm feito verdadeiros prodígios. No seu atelier trabalha confeccionando máscaras que servem para a criação das suas personagens.





à tarde, ao fechar das escolas, invade o «boulevard Saint Michel» a agitação e a alegria própria da sua própria ideia nas mesmas lutas. nos mesmos odios. Conseradores vendiam corajosamente como «panache» francês os seu jornais num passeio, espantados no passeio Fronteiriço, por extremistas avançados que no seu odio delirante e capar imprecações-convulsivas do mal quer matar a espiritualidade, que torna simples as almas e fácil a vida.

A felicidade está na simplicidade natural onde as preocupações são as que a natureza ou o sol trazem, onde os pobres sabem que a fome as não matará, porque os vizinhos que têm mais, não tendo a alma ressequida pelo egoísmo, com eles repartem o que têm, e, caldo que chega para quatro, dá que comer para cinco.

E a esta verdadeira fraternidade humana a que se faz sentir com a caridade, e, não a fraternidade que atea odios e se desentranha em bombas.

Viver numa aldeia linda, no doce paisagem de Portugal, entre gente boa e simples é talvez a completa felicidade se a felicidade é deste mundo.

Maria de Eça.

PÁGINA FEMININAS

seno de uma ambição e o desespero, que lança os homens uns contra os outros, nessa cidade onde a civilização material impera e onde a onda avassaladora do mal quer matar a espiritualidade, que torna simples as almas e fácil a vida.

A felicidade está na simplicidade natural onde as preocupações são as que a natureza ou o sol trazem, onde os pobres sabem que a fome as não matará, porque os vizinhos que têm mais, não tendo a alma ressequida pelo egoísmo, com eles repartem o que têm, e, caldo que chega para quatro, dá que comer para cinco.

E a esta verdadeira fraternidade humana a que se faz sentir com a caridade, e, não a fraternidade que atea odios e se desentranha em bombas.

Viver numa aldeia linda, no doce paisagem de Portugal, entre gente boa e simples é talvez a completa felicidade se a felicidade é deste mundo.

A moda

Em plena época de verão a moda traz-nos as suas surpresas e as suas novidades. Este ano, coisa extraordinária para esta autoritária tirana, que às vezes nos impõe verdadeiros sacrifícios, que chegam a ameaçar o melhor bem da humanidade que é a saúde, a moda está-se adaptando ao tempo irregular que tem feito e se nos apresenta vestidos leves, que tão bem sabem nos dias de grande calor, não deixa de contar com os dias frios e até chuvosos que de vez em quando nos visitam com tanto desagrado nosso.

Devemos portanto estar gratos à moda amável, que se preocupa com a nossa saúde e o nosso bem estar.

Para o campo e para as praças os vestidos leves com a correção dos ligeiros abaços, que diminuem o risco das constipações que nos traz a mudança rápida de temperatura.

Para de manhã para ir à praia temos uma fresca «toilette» em «pique» branco da maior simplicidade que tem apenas como guarnição botões vermelhos, uma gravata vermelha e um cinto vermelho e branco. O grande chapéu é também em «pique» branco guarnecido com uma fita em «gras-tain» vermelho. Sandálias em pelica encarnada completam o gracioso e muito simples conjunto.

Para a tarde um elegante e simples vestido numa lâ muito leve de cor «beige», um «empiécement» completamente pespontado, dá uma grande novidade a este vestido. Este «empiécement» modela o gracioso laço em «pique» branco, punhos deste tecido enfeitam os nossos castanhos guarnecidos a metal dourado, o chapéu em palha «beige», guarnecido com uma tira de pelica castanha e uma aplicação dourada.

Acompanha-o um «tailleur» que se ressentida da influência russa no casaco cinto de longa aba e cintura justa, a saia e casaco, são num grosso tecido de algodão azul marinho, novidade deste ano. Por dentro blusa de «organdi» branco, com «jabot» plissado. Um chapéu em palha branca guarnecido com um «pompon» azul escuro e outro branco completa a graciosa «toilette» que tem novidade no tecido e no feitio.

Para viagem, saia em «tweed» cor de ferrugem e casaco «trois quarts» ligeiramente cinto, em quadros cor de ferrugem e castanho. Blusa em «jersey» castanho, feltro ferrugem guarnecida com um véu castanho, sapatos em camufla castanha e mala do mesmo.

Vestido rosa pálido em «crêpe de Chine», com um alto cinto, casaco plissado em seda preta, contas de azeitiva, chapéu de palha cor de rosa com laço em «glacé» preto. Sapatos sandálias em polimento preto. As flores da cintura são em rosa «cyclamen».

Para a tarde vestido em «jersey» de seda preto, que se presta admiravelmente aos «dra-

pês» deste vestido que tem na sua linha, qualquer coisa da «toilette» da mulher oriental de há alguns anos. O pequeno casaco é também «drapé» numa originalíssima forma.

Chapéu todo em flores, azul «bleu» colocado ao lado, um cinto dourado tornam muito chique este «ensemble».

Começaram a aparecer os chapéus de feltro que não é para estranhar visto, que os chapéus de palha apareceram em Fevereiro.

Damos um lindo modelo de feltro azul escuro, guarnecido a fita branca, que completa graciosamente o «tailleur» clássico azul escuro e a blusa em seda branca.

São sempre estas «toilettes» simples da maior elegância e apreciabilíssimas pelas senhoras que gostam de vestir com cômoda simplicidade, apesar de já não terem novidade, têm sempre as suas devotas, que não as abandonam e que demonstram um senso prático que devemos aplaudir.

As praças e a elegância

ESTAMOS na época das praças e a elegância impõe às escravas da moda a nudez dos indígenas selvagens do interior de África, e essa imposição leva algumas senhoras, que durante todo o ano são recatadas, a exporem aos olhos críticos de toda a gente, as suas belezas íntimas e também os seus defeitos, porque belezas perfeitas são raríssimas.

Como é que a mulher se sujeita a isto? É natural que deseje estar na areia à sua vontade sem a sujeição da cinta, mas para isso não é preciso estar despida e em exposição aos olhos de todos.

As elegantes e simples vestidas de praia, que permitem ao «vestido» aliado à decência, o que sempre vantajoso, para uma senhora que se preza de o ser.

Não é compreensível que uma senhora que todo o ano se impõe ao respeito das suas criadas e dos seus filhos, porque está na praia se mostre quase nua, apenas com uma tanga e um «soutien-gorge».

Que respeito podem ter as crianças a uma mãe nessa «toilette»?

É respeitável a higiene, mas pode aliar-se à decência e ao pudor o que é sempre vantajoso para o decôr da mulher.

As flores e a mulher

As flores não são apenas ornamento da mulher e decoração do ambiente em que ela vive. As flores são também medicamentos que mantêm a sua beleza e a sua saúde «en forme». Os lírios são, não só a flor decorativa e bela que todos conhecemos, mas o seu brilho ou cebola, emagada em leite e fervida é o melhor líquido para a beleza da pele da cara e das mãos.

Se as pernas têm tendência para inchar e perder a sua delicada linha, nada melhor o que fazer uma infusão de «hamamelis» e bebê-la ao deitar, no dia seguinte, de manhã as pernas estão desinchadas e com uma impecável forma.

Se o parecer não é bom logo de manhã, e se os nervos estão irritados preocupando-nos com tudo o que temos a fazer, eis a ocasião de tomar depois de jantar uma infusão de valeriana ou de passiflora.

Para engordar temos a centaurea, remédio eficaz para a anemia e o emagrecimento, que já passou de moda, dá apetite e tomando duas vezes por dia um chá de centaurea temos o apetite aberto e o bom humor que é uma das graças da mulher.

Se a voz não está harmoniosa e a rouquidão nos ameaça é chegada a ocasião de tomar um chá de perpétuas roxas e de hera com uma pedrinha de goma arábica, tomado bem quente, meia hora mais tarde poderás cantar como um rouxinol e ter um sucesso na melhor peça do nosso repertório.

Como aperitivo nada há de mais recomendável do que a raiz de gengiana, põe-se uma raiz



Receitas de cosinha

Bolo inglês com passas e cidrão: Manteiga 200 gramas, farinha de trigo 200 gramas, açúcar refinado 200 gramas, ovos de tamanho médio 4, passas de lorigito 50 gramas, cidrão 50 gramas.

Começa-se por bater a manteiga, tornada um tanto fluida pela acção do calor, durante dez minutos; junta-se-lhe depois o açúcar e bate-se outro tanto tempo, em seguida os ovos e continua-se a bater durante dez minutos; por último a farinha e bate-se durante meia hora.

A massa batida acrescentam-se as 50 gramas de passas de lorigito e igual quantidade de cidrão, cortado em pedaços pequenos, mistura-se tudo muito bem e deita-se numa forma untada com manteiga,

a massa não deve encher a forma, para não transbordar ao crescer o bolo, com o cozimento.

Metete-se no forno que deve estar a bom calor e vigia-se, logo que começa a alourar, dão-se-lhe dois golpes em cruz para que possa ficar bem cozido por dentro. Não há melhor bolo para a hora do chá e pode dizer-se que é um bolo económico.

Higiene e beleza

ESTAMOS na época das praças, nessa época em que a moda impõe tanto à mulher como ao homem o banho de sol e portanto a pele tostada pelo calor e pelo ar iodado.

Este ano o sol raramente tem feito sentir a violência dos seus raios, mas basta o ar forte do

mar para que as peles delicadas, comecem a avermelhar e em seguida a tomar o tom bronzeado, que tanto agrada às mulheres de hoje e que as nossas avós, acham horrível, apagaadas ainda às cutis de leite e rosas.

Em todo o caso é para recomendar às senhoras de pele delicada todo o cuidado na maneira de se exporem ao sol, não o devem fazer sem primeiro untar a cara e o corpo com óleo de coco ou com uma pomada que tenha por base a lanolina.

É também para recomendar que se exponham ao sol gradualmente, no primeiro dia cinco minutos, e ir aumentando até que a pele, sem sofrimento, suporte à acção da luz e do ar. As queimaduras do sol, além do mal estar que produzem, são nocivas e devem evitar-se.

De mulher para mulher

Rosa branca: Ninguém melhor que o seu médico lhe pode dizer o que lhe convém, se a praia ou o campo e até a montanha, mas se não tem médico e à sua saúde tudo é indiferente e apenas o desejo de mudar de ambiente a leva a sair da cidade, escolha o que mais lhe agrada, abaixo do ponto de vista, elegância, tudo é aceite.

Aida: Em Paris vê-se tudo e hoje em Lisboa com as facilidades de comunicação pode dizer-lhe que temos as modas ao mesmo tempo, que elas aparecem na Cidade Luz. Para género sim-ples o que se vê mais são os casacos «trois quarts» largos formando pregas, ou «godets» nas costas. O calçado, assim como as luvas, são da cor predominante na «toilette».

Violeta: Faz muito bem de aproveitar as suas belas férias no descanso completo do campo, sem pretensões, e, muito melhor de as aproveitar lendo, como faz. Há efectivamente métodos para aprender o inglês sem mestre. Mas é uma arte que tem uma pronúncia difícil, e apesar de ter uma gramática fácil, para o falar correntemente é necessário sem dúvida ter professor.

Pensamento

Quem sabe viver com pouco, não sente falta de coisa nenhuma.

(La Fontaine).



Festas de caridade

NO JARDIM DA ESTRELA

A comissão de senhoras da nossa primeira sociedade que, nos dias 27 e 28 de Junho último, realizou no Jardim da Estrela, à tarde e à noite, um festival de caridade a favor da Obra de Assistência aos Pobres Doentes, pede-nos a publicação do resumo da receita e despesa da mesma festa: receita—bilhetes de entrada em 27 e 28, dia e noite — 6.011\$50; aluguer de cadeiras para assistir aos diversos espectadores — 263\$85; receita das diversas barracas de comidas, bebidas, café, loiças, livros, burricos, ginkana, rifas e percentagem na venda de gelados — 3.012\$05; esmolas diversas — 620\$00, resultando um total de 9.907\$40.

Despesa: — Transporte de mesas, barracas, cadeiras, etc. — 341\$00; salários aos guardas do jardim, e diversos, e vencimentos dos policiaes — 760\$00; contribuições, licenças camarárias, licença da Sociedade de Autores e Inspeção de Teatros — 382\$40; instalação electrica — 1.300\$00; consumo de energia electrica — 200\$00; música da marcha do Rancho da Madragã e honorarios do Indiano — 500\$00; transporte de cantadores de fado, despesas diversas de papelaria, cervejas, vinhos e outros produtos para as barracas de venda — 937\$75, resultando um total de 4.421\$15. Saldo líquido — 5.486\$25.

FESTA ELEGANTE

Como era de prevêr, revestiu extraordinário brilhantismo e elegância, a festa que os cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho, Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, realizaram na esplanada do «Retiro da Severa» na noite de terça-feira 14 de julho último, em cujo programa tomaram parte as notáveis artistas Adalina Fernandes, Maria Albertina e Maria do Carmo Tôrres, que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar os seus méritos artísticos, e Maria Luiza, Margarida Pereira, Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto, Alberto Costa, José Porfírio, e Júlio Proença, que como sempre, marcaram como cultivadores da «Canção Nacional», a pequena Maria Aliete Rodrigues Moreira, a «Laurinha do Rádio Peninsular» e as estreantes Carmen Santos e Natália dos Anjos, às quais a selecta assistência não regateou aplausos, bem como aos distintos artistas Armandinho, José Marques, Santos Moreira, Alberto Corrêa, Alfredo Costa, solista de viola, e Armando Pereira, o «Charlot do Porto» que, ao terminar os seus números, foram vibrantemente aplaudidos.

Nos intervalos dos vários números do programa houve baile que foi abrilhantado pela eximia orquestra «jazz-band» Gounod.

Na assistência a esta festa recorda-nos ter visto, entre outras, as sr.^{as}: D. Pepita Teixeira Soares, viscondessa de Tojal, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Josefina Moraes de los Rios Frois e filhas, D. Silvia Belfort Cerqueira Street, D. Etelvina de Sousa Falcão, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, D. Atanazia de Brito e Abreu Crow, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Maria das Dóres Silva Monteiro, D. Judit Barbosa Cohen e filha, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz e filha, D. Adelaide Atouguia Roque da Fonseca, senhora do dr. Jorge Falcão, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria Primitiva Fernandes Muinhos e filha, D. Conchita Marin, D. Fanni Fonseca, D. Maud de Mendonça, D. Carmen Turnes, D. Izilda de Vasconcelos Salgado e filha, senhora de Francisco Vinhas, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Maria Isabel de Castro e Almeida, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Maria de Lourdes Moreira de Campos, D. Maria Amélia Rodrigues de Carvalho, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Maria da Paz Lopes Batalha, D. Marieta Bernaud Caiola, D. Albertina Pimentel de Vasconcelos e Sá e filhas, D. Maria Dora Costa, D. Alice Lopes de Almeida Smit, senhora de Carlos Moutinho de Almeida e filhas, D. Adelina Diniz de Almeida, D. Alda Ferreira Soriano e filha, senhora do dr. Campos Coelho, D. Maria da Conceição Paraizo Mourão, D. Alda

Aguiar Santos Gomes, D. Maria Geada Correia Marques, D. Germina Borges de Carvalho Rombert, D. Adélia Borges de Carvalho, D. Isabel Lallemand de Figueiredo, D. Branca Soares Branco, D. Otelinda Chaves de Carvalho, senhora de Nicolau Cardoso e filha, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Paulina Clemente Pinto, D. Zina Pombo da Ponte e Souza, D. Laura

dos noivos, que no fim da missa fez um brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido no salão de me-a da elegante residência, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, para a quinta da Torre de Santo António, em Tôrres Novas, onde foram passar a lua de mel.

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça interessante filha do sr.^a D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça e

do sr. dr. Marçal de Mendonça, com o sr. Carlos Vinhas Júnior, filho da sr.^a D. Joana Palanque Vinhas, já falecida, e do sr. Carlos Vinhas, servindo de madrinhas, as sr.^{as} D. Palmira Machado da Cruz e D. Maria Vinhas da Conceição, tia do noivo, e de padrinhos o avô da noiva, sr. Manuel Pereira Madeira e o pai do noivo. O acto foi presidido pelo prior da freguesia, reverendo António de Oliveira Reis, que, no fim da missa, fez uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia, um quarteto dirigido pelo professor Libório, executou vários trechos de música sacra. Na elegante residência dos pais da noiva foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, para o norte, em automóvel, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia de Santos o-Velho, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa, fez uma brilhante alocução, realizou-se na capela da quinta de Mil Flores, propriedade dos tios da noiva, sr.^a D. Gabriela Lamayer de Aragão Moraes Carneiro e do sr. Jerônimo José Carneiro, o casamento da sr.^a D. Maria Emília Carneiro Neto Rebelo, gentil filha da sr.^a D. Alice Carneiro Rebelo e do sr. José Filipe Neto Rebelo, com o sr. Joaquim de Macedo Barros, filho da sr.^a D. Adelina Macedo Barros e do sr. José Afonso de Barros, já falecido, tendo servido de madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Gabriela Lamayer de Aragão Moraes Carneiro, e a mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Jerônimo José Carneiro, tio da noiva, e Manuel Macedo Barros, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia, foi servido no salão de mesa do palacete da Quinta de Mil Flores, um lanche, partindo os noivos para Leiria.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Ivone Sousa Barata com o sr. Armando de Freitas: Os noivos à saída da igreja

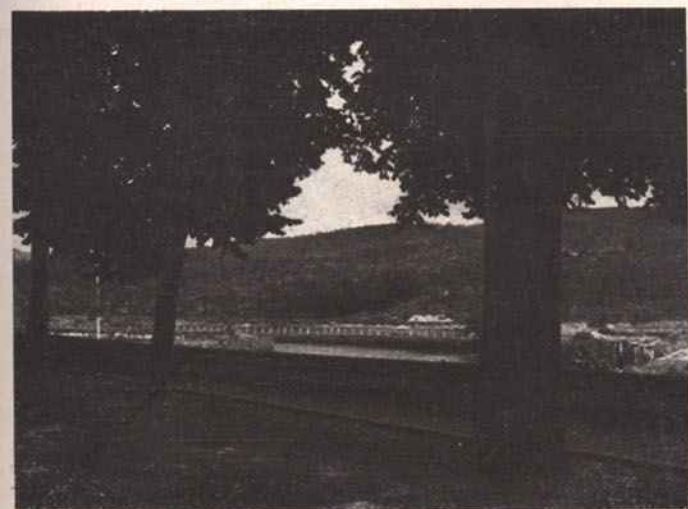
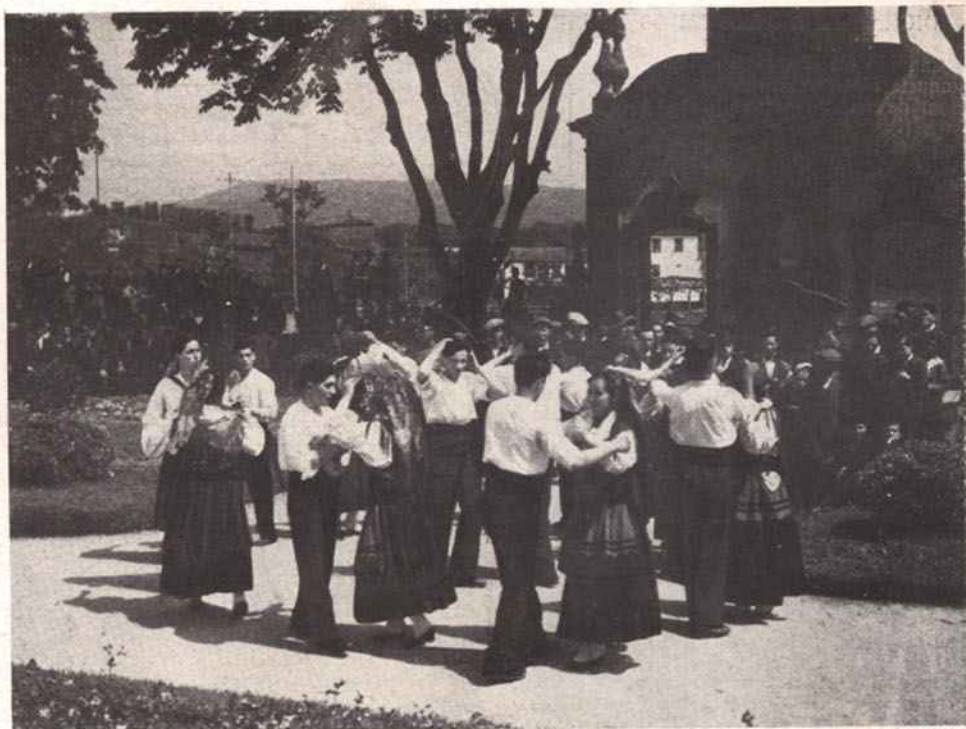
(Foto Melo)

«A REVOLUÇÃO DE MAIO»

O Minho — o jardim de Portugal — deu ao filme «A Revolução de Maio» a beleza da sua inigualável paisagem, a formosura das suas mulheres, o pitoresco dos seus costumes, a cor e o movimento das suas danças.

E porque se trata duma passagem da História Pátria, que nesta produção nos apresenta a primeira década sob a égide do Estado Novo, ficam bem nesta produção cinematográfica todos os motivos que fazem do nosso país razão de encantamento de naturais e estrangeiros. Soube António Lopes Ribeiro, que está dirigindo os trabalhos de «A Revolução de Maio» escolher muito bem os pontos que mais podem interessar a quem deseja conhecer Portugal e aperceber-se da alegria do seu povo, da firmeza do seu carácter, e de quanto faz para o tornar cada vez mais lindo e melhor.

O Minho todo verde, a confinar-se no azul do céu, com os seus cantares, com os seus bailados, com a graça das suas mulheres é um quadro onde os nossos olhos não se cansam de rever quanto Portugal é belo!



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

IMPRENSA

Publicações recebidas

Gazeta — de Ponta Delgada. — Com regularidade, temos recebido a gentil visita deste tri-mensário, em que o ilustre confrade Costa Oliveira — **Catos** — continua, brilhante e inteligentemente, a dirigir a sua secção **Edipismo**, que se apresenta com óptima colaboração e é, nas ilhas, um dos melhores baluartes de defesa e propaganda do Charadismo. Gratos pela remessa dos exemplares e as nossas desculpas pela ingratidão da tardia referência, a que tinha jus.

O Charadista — de Lisboa. — Foi dado recentemente à estampa mais um número do órgão oficial da Tertúlia Edípica — o 66 — que se apresenta com vasta colaboração em prosa e verso, firmada pelos mais distintos ornamentos do charadismo brasileiro e nacional. Dá-nos ainda, em princípio, os resultados da 4.^a etapa do C. I. C., notícias várias, «Carta de Lisboa», do nosso distinto confrade **Jofralo** — velho paladino do charadismo —, e apresenta duas novas secções, destinadas, como todas as iniciativas da T. E., a êxito e agrado certos: **Palavras cruzadas enigmáticas**, interessantíssima pela originalidade, e **Xadrez**, que vai fazer as delícias dos xadrezistas habituais leitores de **O Charadista**. É esta uma iniciativa de incontestável mérito, que tem ainda a valorizá-la a douda cooperação de um dos mais distintos xadrezistas portugueses — o dr. Mário Machado. A inteligente Direcção da T. E. gostosamente apresentamos as nossas felicitações.

Deca — do Rio de Janeiro. — Recebemos, por intermédio da Tertúlia Edípica, os n.ºs 11 e 12 desta esplêndida revista charadística brasileira, órgão e propriedade do **Deca**, superiormente dirigida pelo confrade Oscar Costa — **Cartos** —, a cuja pena se deve o interessante e oportuno artigo «Não brasileiros», a propósito da ideia da realização do I Congresso Charadístico em Lisboa, publicado em fundo no n.º 12.

Recheado de colaboração de confrades brasileiros e portugueses, **Deca** é um belo documentário charadístico, digno de ser conhecido e colaborado por quantos ao charadismo se dedicam.

Brados do Alentejo — de Extremoz, inserindo a sua habitual secção charadística **Colunas de Édipo**, sob a direcção de **Caçador**, e **Jornal de Elvas**, em que **Sopmac** continua a orientar **Cantinho de Édipo**.

A todos, os nossos agradecimentos.

APURAMENTOS

N.º 54

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

KOSSOR
N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

LORD X
N.º 24

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 22, Efonsa; n.º 4, Veiga; n.º 25, Miss Diabo; n.º 5, Chim Pan Zé; n.º 19, To-My.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 27 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávoló, Cantente & C.^ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 63

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 24. — Ti-Beadó, 24. — Capitão Terror, 22. — Salustiano, 20. — Rei Luso, 20. — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 19. — João Tavares Pereira, 18. — Lamas & Silva, 17. — Salustiano, 17.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 11. — D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Remo-moer-remoer. 2 — Rela-lapso-relapso. 3 — Cava valo-cavalo. 4 — Passapé. 5 — Sóbrio. 6 — Floresta. 7 — Meada. 8 — Ababalhos. 9 — Monomaquia. 10 — Alfama-alma. 11 — Pechincha-pecha. 12 — Gebreira-gera. 13 — Falado-fado. 14 — Pifio-pio. 15 — Bofia-boa. 16 — Lixa (LÁ tem nove (IX) no meio). 17 — Alar-largar-alargar. 18 — Tacha-chada-tachada. 19 — Abra-brasa-abrasa. 20 — Maldito. 21 — Pasmoso. 22 — Cuidado-cuido. 23 — Opaco-ôco. 24 — Olhador-odor. 25 — Cativo-cavo. 26 — Denodo-dedo. 27 — Do mal o menos.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A **arrogância** de muita mulher desaparecia com um simples «**esfrega**» de casas — e não haveria tanta menina **orgulhosa**... (2-2) 3.

Lisboa **Mad Ira**

2) **Agora, a regra do discurso**. (2-2) 3.

Lisboa **Mefistófeles**

NOVISSIMAS

3) Fui a um **território que forma o domínio de um duque** e vi um homem **arrogante** com uma **moeda austro-húngara de ouro**. 3-4.

Luanda **Dr. Sicasar (L. A. C.)**

4) É uma **desgraça** para aquele que **cai** no **terreno onde se não permite caçar**. 2-1.

Leiria **Magnate (L. A. C.)**

SINCOPADAS

5) Homem **ligeiro**, homem **verdadeiro**. 3-2.

Leiria **Magnate (L. A. C.)**

6) É **bazófia** dizerem que eu já **namoro**... 3-2.

Tramagal **Padre Matos**

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

7) — Se a cento e um
Uma «nota» juntar,
Azeite de peixe
Há-de ver segregar.

Luanda **Ti-Beadó**

TRABALHOS DESENHADOS

13) ENIGMA FIGURADO



Lisboa **Micles de Tricles**

LOGOGRIFO

(A propósito da crise em Angola)

Agradecendo muito penhorado ao ilustre charadista angolense «Ejonsa»

8) O Império Colonial!
Diz-se, e alegre o coração.
Mas no comércio local,
Pioneiros do sertão,
Que **desânimofatal!** — 5-3-6-4

A borracha não se extrai;
Não salva o frete. E o café
Vai pelo mesmo **caminho**. — 3-4-2-7
Jaz na Alfândega, não sai...
E o tendeiro de má fé
Vende chicória ao povinho.

O arroz, não vindo em casca,
Não pode aqui **agradar**; — 2-4-7-3
Certo grémio ganhou-lhe asca
Nem o deixa despachar!

O tabaco vem de Havana,
E o d'Angola está banido.
Vem o açúcar da cana
Mas com **desconto**... é sabido. — 2-7-3-1

O milho, enorme **riqueza**, — 4-6-3-4
Do Bié e de Benguela,
Não dá p'ro custo e despesa,
Mesmo com grémio-tutela.

Que há-de o comércio exportar?
Couro? Cera? Há cá demais.
Gado, a manada? «É tramar» — 5-7-2-4
Marchantes continentais.

Em que há-de o **negro** fazer — 1-5-3-4
Dinheiro para o imposto?
Se o não tem põe-se a «mexer»
Muda de casa e de pósto.

O comércio abre falência,
A agricultura definha.
Desalento, **decadência**:
Derrocada em toda a linha!

Lisboa **Sileno**

MEFISTOFÉLICA

9) **Manifeste** o seu deeejo,
A **força** do coração...
Um **amplexo** com um beijo.
Que doce consolação! — (2-2) 3

Lisboa **Sodargil**

10) A lenda conta (e tem assaz moral)
Que em Saint-Mirel, ou seja na Bretanha,
Sob uma rocha negra e colossal
Tesouro estava, com **ardil** ou manha. — 2

E que essa rocha, em noite de Natal,
Se deslocava até chegar ao rio,
Voltando então, depois, ao seu local,
Ficando um ano sem qualquer desvio.

Um camponês, **maluco**, quis ficar — 3
Com tal tesouro, que era dos Druidas;
E quando a rocha vê, no deslocar,
Na cova salta, em febres insofridas.

E fica tonto — tantas as riquezas! —
E tal demora tem que a rocha volta...
Esmaga o pobre sôfrego em grandezas,
Que nem sequer um só gemido solta.

Assim castiga Deus os avarentos,
Com seu poder enorme e justiceiro!
E nem precisa usar quaisquer inventos;
E nem precisa ser um **feiticeiro**.

Lisboa **Silva Lima (T. E. — L. A. C.)**

11) Se me dessem **liberdade**, — 2
Com a minha graça em riste
Era a «**causa**», na verdade, — 1
De não acabar o **chiste**.

Lisboa **Ulsi Ráfer**

SINCOPADAS

12) O teu **rostro magro** indica
Só maus tratos e desgosto...
Quem usa o meu creme fica
Com outro modo — outro **rostro**... — 3-2

Lisboa **Miss Diabo**

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da **Ilustração**, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

O XIV Pôrto-Lisboa em bicicleta



REALIZOU-SE a difícil prova de ciclismo Pôrto-Lisboa, tendo sido considerado vencedor o famoso Trindade que percorreu os 360 quilómetros em 11 horas 15 minutos e 23 segundos. Além deste celebrado corredor, bateram também o récor da prova, Ildefonso, Ezequiel, Felipe de Melo e Aguiar Martins, tendo Cosson, o melhor francês, sido classificado em 6.º lugar. As gravuras em cima representam Trindade junto de José do Nascimento, um dos ases de 1911, e um aspecto da corrida. — Ao centro: — Os escoteiros de Beja prestando homenagem aos Mortos da Grande Guerra.

Dr. Joaquim Manso



Dr. João de Barros



SUBORDINADO ao título «Um grande educador — João de Deus Ramos e a obra dos Jardins Escolas», o ilustre escritor dr. João de Barros acaba de publicar um *plaguette* em que enternecidamente enaltece a obra modelar do excelso autor da «Cartilha Maternal» que o seu filho tão magnanimamente soube consolidar.
Ao querido dr. João de Barros os nossos efusivos aplausos por mais esta encantadora obra que realizou.

Caetano Teixeira de Aragão



«A Mulher embalsamada» é o título duma curta novela que o sr. Caetano Teixeira de Aragão escreveu a propósito duma frase trocada com a impertinência duma senhora durante um jantar íntimo. Dai, a fantasia do poeta dos «Torvelinhos» fez o resto.

O novo livro do dr. Joaquim Manso, — «Pedras para a construção de um mundo» — constitui um verdadeiro acontecimento na vida literária portuguesa. O ilustre escritor mostra-se, como sempre, um prosador de larga envergadura que sabe burilar como pouos a língua portuguesa, e empolgar o leitor desde a primeira à última página, deixando apenas a mágoa de não ter mais dois ou três volumes.

Este livro, cuja edição foi dirigida pelo bom gosto gráfico de Luiz de Montalvor, honra o seu autor que pode ser considerado, sem favor, um dos mais cintilantes espiritos da nossa literatura.

Desde há muitos anos que admiramos o fulgurante talento d'este homem de letras que, sem afrouxar a sua acção jornalística, consegue ser um conferencista notável, e produz ainda livros magníficos como este que publicou agora. Uma tal actividade é rara nos tempos que vão correndo, como rarissimo é encontrar-se quem saiba escrever entre milhares de analfabetos com pretensões inconcebíveis. Se o dr. Joaquim Manso teve a peregrina idéa de carrear «pedras para a construção dum mundo» melhor do que este em que vivemos, oxalá que a sua iniciativa seja coroada do maior êxito. Pelo menos, deu o seu exemplo de escritor modelar, e, só por isto, merecia ser imitado, a bem de todos, por quem pretende escrever.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —

Copas — A. 8, 7, 6,

Ouros — D. 7.

Paus — R.

Espadas — 6.

Copas — — — —

Ouros — 9.

Paus — V. 9, 8, 7, 3.

N Espadas — 9, 8.

O E Copas — R. D. 10, 4.

Ouros — 8.

S Paus — — — —

Espadas 10, 2.

Copas — 5.

Ouros — 4.

Paus — D. 10, 2.

Trunfo é ouros. S joga e faz 6 vasas.

Solução do número anterior.

S joga o 10 de copas, N joga o Valete de copas e joga depois o Rei de copas, baldando-se S ao 9 de ouros.

N joga 8 de copas e S balda-se a Valete de ouros.

N joga o 6 de ouros, E entra com o 7 de ouros e faz vasa sendo obrigado a jogar espadas para debaixo de N que assim fará as quatro cartas de espadas.

Somas consecutivas

Solução

As somas das diversas partes em que o quadro fêra dividido eram as seguintes: 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23.

Mudando o 7 para 4, já soma 20 em vez de 23, ficando portanto a série dos números, seguindo sem interrupção.

Ventriloquia Antiga e moderna

Muitas pessoas julgam que a ventriloquia é uma arte que nenhum mortal, que não tenha dotes especiais, pode chegar a dominar, e todavia não existe semelhante coisa. Ventriloquo pode ser qualquer pessoa que tenha paciência suficiente para aprender a arte e a praticá-la bastante.

Tôda a questão se resume em enganar o ouvido. Na realidade, o que o ventriloquo tem que aprender é apenas o falar sem mover os lábios e saber distrair a atenção dos ouvintes.

O falar com o estômago é uma tolice do povo, pois ninguém pode articular sons senão com a laringe.

Os sacerdotes do antigo Egípto empregavam muito a ventriloquia para formularem os seus oráculos.

O homem luminoso

A imprensa estrangeira consagrou, o ano passado, muitos e longos artigos ao caso de um carteiro de Salónica, Anastácio Economos, cujo corpo emitia raios luminosos tão fortes que iluminavam um quarto escuro onde ele entrasse.

O presidente da Sociedade das pesquisas, M. Tanagras, interrogado pelos jornalistas, declarou que não poderia pronunciar-se sobre o assunto sem ter examinado cientificamente o carteiro em questão; mas acrescentou que o fenómeno, todavia, não era raro, e lembrou o caso do estudante Panajotti Conloubaki que acendia uma lâmpada eléctrica simplesmente esfregando-o nas mãos. O químico Dossis que submetera Coloumbaki a um exame assegurou que se tratava duma fôrça dinamo-eléctrica latente no corpo daquele estudante.

M. Tanagras referiu-se também ao caso duma doente em tratamento numa clínica de Monaro (Itália) que em cada crise da enfermidade de que sofria, emitia raios luminosos do seu peito.

O apetite das aranhas

O célebre sábio inglês, sir John Lubbock, bem conhecido pelos seus curiosos trabalhos sobre os insectos, publicou uma vez o resultado dos seus estudos com respeito ás aranhas.

Depois de ter pesado vários desses insectos, antes e depois das suas refeições, eis a conclusão a que chegou o notável homem da ciência:

Com um pêso relativamente igual, um homem adulto, para comer a mesma quantidade que uma aranha, teria de engulir dois bois inteiros, treze carneiros, uns dez porcos e quatro barricas de peixe, e tudo isto em vinte e quatro horas!

Em vista disto, não devia dizer-se uma fome canina, mas sim uma fome de aranha.

Até 1850 não se conheciam os pardais nos Estados Unidos. Nesse ano, o Brooklin Institute, querendo sem dúvida prestar um grande ser-

viço á agricultura americana, fez ali a sua introdução.

Fundaram-se sociedades para facilitar a sua propagação por meio de ninhos artificiais, e á primeira expedição seguiram muitas outras, até que, em 1870, os pardais estavam espalhados por todo o vasto território americano e em tal numero que se chegaram a temer os seus estragos.

4	8	4
8	0	8
4	8	4

Hão de notar que os números acima somam, ao todo, 48, enquanto as linhas de fóra somam de cada lado, 16,

Trata-se de dispor os números de modo que a soma total de 48 não seja alterada, mas que as linhas de fóra fiquem somando, de cada lado, 20 números.

— Minha filha mais nova, que tem 25 anos, tem trinta contos de dote; a outra, que tem 30 anos, há-de ter quarenta e cinco contos.

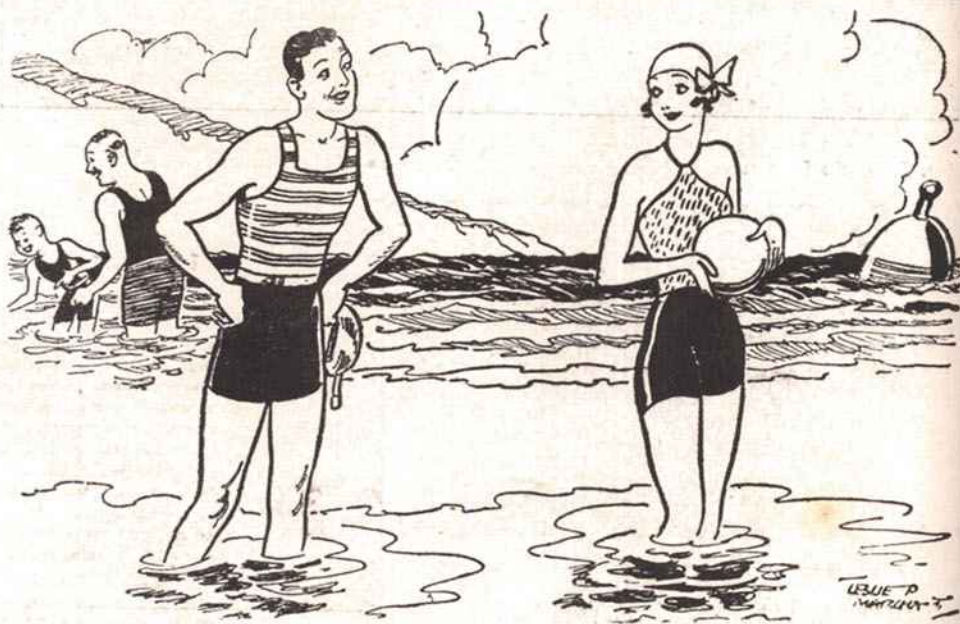
— E não tem nenhuma que conte 40 anos?...

Ela: — Enfim, o que tens tu que dizer a essa tal D. Eugénia?

Ele: Simplesmente que é uma mulher de sessenta anos que parece ter cinquenta, que imagina ter quarenta, que veste como uma mulher de trinta e que se comporta como se tivesse vinte!...

A irmã solteira: — O quê? tu convidas as Cardosos essas intriguistas, essas más linguas, essas papa-jantares?

A irmã casada, concluindo a carta: — «Minha irmã associa-se comigo para lhe exprimirmos tôda a sorte de amabilidades.



Ela: — Não me deixa ensiná-la a nadar?

Ela: — Obrigada, mas não é necessário; eu já sei nadar.

Ela: — Ah! então, nesse caso, importava-se de me ensinar a mim?

(Do «The happy Magazine»)

E' a de Santo Amaro de Oeiras a praia que prefere?

Compare o que lhe custa uma viagem isolada e o que lhe custa a mesma viagem com assinatura em séries de 52 viagens, que pedem ter início em qualquer dia do mês:

	2.ª classe	3.ª classe
1 viagem isolada de ida e volta custa.....	8\$05	5\$35
A mesma viagem de ida e volta custa aos possuidores de		
1 cartão para 26 viagens válido por 1 mês...	6\$24	4\$07
2 cartões » 52 » válidos por 2 meses	5\$74	3\$76
3 » » 78 » » » 3 »	5\$26	3\$44
4 » » 104 » » » 4 »	4\$86	3\$17

Se fôr a Santo Amaro de Oeiras com assinatura

	2.ª classe	3.ª classe
26 vezes num mês.... ECONOMISA	47\$30	33\$35
52 » em 2 meses. ECONOMISA	119\$80	83\$05
78 » » 3 » ECONOMISA	21\$785	149\$30
104 » » 4 » ECONOMISA	33\$250	226\$80

Sendo passageiro de 2.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

21 vezes num mês.....	} Compre uma assinatura
38 » em 2 meses.....	
51 » » 3 ».....	
65 » » 4 ».....	

Sendo passageiro de 3.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

20 vezes num mês.....	} Compre uma assinatura
37 » em 2 meses.....	
51 » » 3 ».....	
62 » » 4 ».....	

Dirija-se à Estação do Caminho de Ferro no Cais do Sodré se pretender mais esclarecimentos

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

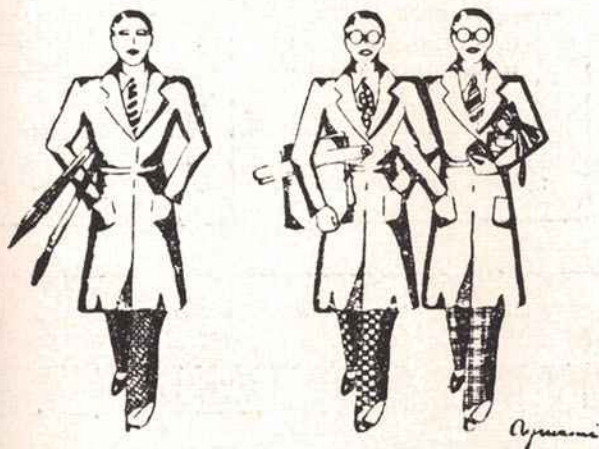


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L. DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O que há no vosso Horoscopo

**Deixai-me vo-lo dizer
Gratuitamente**

Não desejaria saber sem que nada lhe custe, o que indicam as estrélas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons êxitos; o que lhe trará a prosperidade, o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas empresas e a muitas outras coisas de indiscutível Interesse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida, ABSOLUTAMENTE GRATUITA.

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não constitui nada menos do que duas páginas dactilografadas ser-vos-há enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do qual despertam o interesse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o sucesso, a felicidade e a prosperidade.

Basta que escreva o seu nome e a direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sr.ª (casada ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 2\$50 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 6602C, Emmastant 42, A Haia, Holanda. Sêlo para Holanda: Esc. 1\$75.

Nota. — O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. É o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais se pede remuneração, serem feitos sob condição de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.



À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR **CARLOS MALHEIRO DIAS**

ÍNDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho —
Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire —
Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . **8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.^a edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24\$00

Pe'o correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por **SAMUEL MAIA**

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas.*

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.^a edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro **ANTÓNIO MENDES BARATA**

Edição actualizada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnífica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 30 00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL CASUIDICA E DOCTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. Esc. 25\$00 = Pelo correio à cobrança Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**

pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00	
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00	
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50	
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00	
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00	
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 12\$50; br.	12\$50	
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00	
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50	

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de architectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiêne — Conservas — Animais dom-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

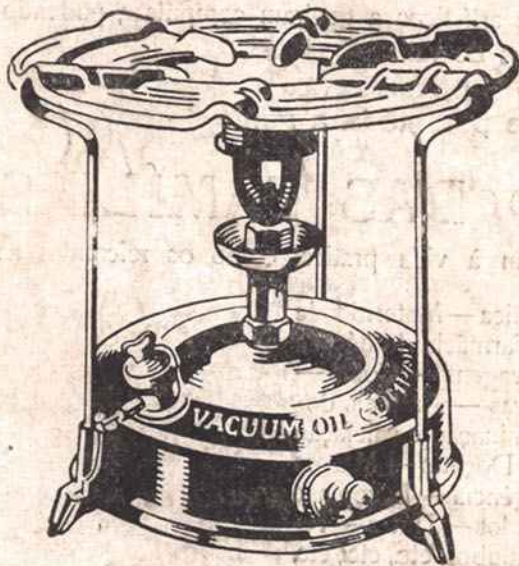
Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . **Esc. 30\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Útil em tôda a parte



O Fogareiro Vacuum é sempre útil, tanto nas pequenas cozinhas, como nas de grande movimento.

Pela rapidez com que aquece, ferve, coze, fregue e faz grelhados torna-se um acessório indispensável no mais completo trem de cozinha.

Só é Fogareiro Vacuum aquele que traz a marca VACUUM

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER